



fundamentos

ANO IV — N.º 23 — DEZ. 1961

é contra os artistas

A BIENAL

O tenente **BERGMANN** acusa:

"QUEREM CALAR PELA VIOLENCIA A VOZ DA OFICIALIDADE DEMOCRÁTICA"

O IV CONGRESSO DE ESCRITORES

O PARTO SEM DOR

Dora Belenkcia

RAYMUNDO REYS

Afonso Schmidt

GETULIO PAGA SALARIOS

DE FOME

Rivadavia Mendonça

Poesia

AFIRMAÇÃO

Ligia Mendes

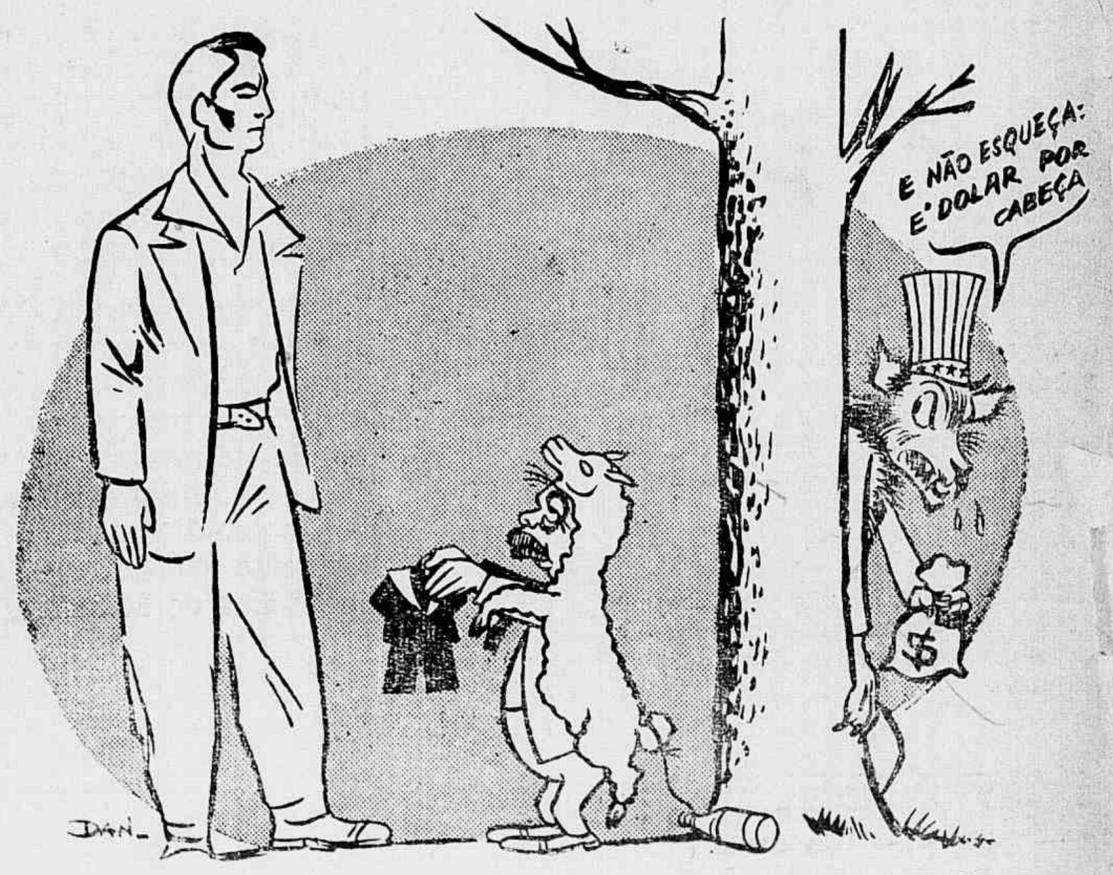
CHARGES

Dan

Preço Cr\$ 5,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO



Goes Monteiro: — Toma a "roupinha de marinheiro". E' para uma voltinha na Coréia.

fundamentos

ANO IV — N.º 23 — DEZ. 1951

INDICE

•••

Editorial — O IV Congresso Brasileiro de Escritores, vitória do campo da paz, da cultura e do progresso <i>Artur Neves</i>	8
O Sôro da Esterilidade <i>Ibiapaba Martins</i>	8
A Bienal é contra os artistas brasileiros <i>J. Vilanova Artigas</i>	10
Raymundo Reyes <i>Afonso Schmidt</i>	13
"O País das Minas" <i>Auguste Lecoeur</i>	14
Querem calar a voz da oficialidade democrática — Carta de denúncia do 1.º ten. aviador Hilton Bergman	15
O povo brasileiro deseja a paz ..	16
O parto sem dôr <i>Dora Belenkaia</i>	18
Perdeu o povo a esperança nas soluções eleitorais <i>Raul Azedo Netto</i>	20
Política de guerra e baixos salários <i>Rivadavia Mendonça</i>	23
Afirmção <i>Ligia Mendes</i>	24
Galeão Coutinho <i>Albertino Moreira</i>	25
Pintores de Bagé	27
A entrevista de Stalin	30
Livros e Revistas	30
Notas e notícias	31

MISSÃO DE REDAÇÃO: Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Júnior, J. E. Fernandes, J. Vilanova Artigas, Rivadavia Mendonça, Rui Barbosa Cardoso e Fernando Segismundo.

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Barão de Itapetininga, 275 —
9.º — Sala 96 — São Paulo.

DIRETOR RESPONSÁVEL: Rui Barbosa Cardoso.

O atentado contra Ghioldi

A consciência livre do mundo não podia deixar de repelir, como de fato repeliu, o covarde atentado perpetrado contra o líder do povo e do proletariado argentino, Rodolfo Ghioldi. Peron, o tirano do povo argentino, no sentido de mais facilmente vender o sangue da juventude platina aos incendiários de guerra norte-americanos, apela neste momento para os métodos mais bárbaros e cruéis. Recorre à mentira, ao terrorismo e ao assassinato, — fiel espelho que é dos demagogos "yankees". Ghioldi, como já se sabe, foi alvejado e atingido por um bando de sicários armado e dirigido pela "Fundação Eva Peron" quando, da tribuna de um comício popular, chamava seu povo à luta contra a guerra, na qualidade de candidato do Partido Comunista da Argentina. As armas assassinas estavam voltadas exclusivamente contra êle, pois apesar do intenso tiroteio, somente Ghioldi foi atingido. Abatido com um tiro no pulmão, um segundo grupo de bandidos avançou contra a tribuna ensanguentada de punhal em punho, só não conseguindo o seu intento porque os camaradas que se encontravam no palanque reagiram, abatendo dois policiais e pondo os demais em fuga.

Peron demonstrou abertamente sua conivência nesse atentado terrorista, impedindo que alçasse vôo um avião fretado pelo P.C.A. para transportar Ghioldi de Paraná para Buenos Aires. Centenas de operários e patriotas que foram visitar Ghioldi no hospital onde se encontra, em perigo de vida, foram sumariamente presos.

Esses atos de vandalismo de Peron são a regra de seu governo. Antes, êle já tinha entregue o grande dirigente comunista paraguaio, Obdúlio Barthe, a seus algozes de Assunção, sequestrou o dirigente juvenil, Bravo, assaltou sedes do P.C.A. em Buenos Aires, assassinou vários militantes, atacou de baioneta calada uma pacífica festa campestre da Federação da Juventude Comunista, mandou sua polícia atirar contra coladores de cartazes eleitorais do P.C.A.

O camarada Ghioldi é particularmente querido pelo povo brasileiro, pois seu nome está ligado à gloriosa luta de novembro de 35, em consequência da qual foi preso, condenado pelo Tribunal de Segurança e lançado às masmorras de Getulio Vargas e Filinto Muller. Colaborador de "Fundamentos", estudioso e conhecedor dos problemas brasileiros, o camarada Ghioldi é autor de importantes trabalhos sobre nosso país, como é exemplo o estudo divulgado pela revista "Paratodos" sobre "Gilberto Freire", um passo atrás no pensamento brasileiro" e "A Estética à Luz do Marxismo", publicado no número 21 de "Fundamentos".



EDITORIAL

O IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES, VITÓRIA DO CAMPO DA PAZ, DA CULTURA E DO PROGRESSO

ARTUR NEVES

O êxito alcançado pelo IV Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Porto Alegre de 25 a 30 de setembro, veio demonstrar que são inúteis as tentativas de dividir a ampla frente formada pelos escritores brasileiros em torno de sua associação profissional — a gloriosa Associação Brasileira de Escritores. Em Porto Alegre foram mais uma vez derrotados os divisionistas e toda essa triste pandilha de «pelegos intelectuais» que vêm há anos tentando deter as forças em crescimento da cultura nacional. Foi também derrotado o sr. Getúlio Vargas que, no afã de incorporar ao seu patrimônio pessoal todo o movimento cultural e artístico do Brasil, manobrou no sentido de converter o recente congresso de escritores em ponto de apoio para sua demagogia no campo da cultura. Mas tanto as calúnias dos divisionistas, como as manobras de Getúlio, caíram por terra diante da firmeza de atitudes dos escritores reunidos em Porto Alegre.

O Congresso de Porto Alegre foi um êxito porque constituiu a maior mobilização já feita entre os intelectuais brasileiros no sentido da discussão livre e democrática de seus problemas profissionais e da tomada de posições frente ao problema da Paz,

da defesa da nossa cultura e da soberania nacional. Na capital gaúcha estiveram reunidos 162 delegados, representando 14 Estados. Eram quase duas centenas de escritores das mais variadas tendências políticas, filosóficas e literárias que, em conjunto, representavam a média do pensamento dos intelectuais brasileiros. Ao lado de escritores de renome, como Graciliano Ramos, Afonso Schmidt, Apparicio Torelli, Edson Carneiro, Alina Paim, Abguar Bastos, Moacir Werneck de Castro e tantos outros, tomou parte ativa nos trabalhos do Congresso uma centena de jovens escritores de todo o Brasil. Entre êsses jovens, tiveram atuação destacada os de Goiás e Santa Catarina que, mesmo lutando com condições adversas, publicam suas revistas literárias, criam cooperativas e bolsas editoriais e procuram se ligar ao povo e abrir novos rumos para a literatura brasileira. A participação ativa desse precioso contingente de escritores jovens imprimiu características novas ao Congresso de Porto Alegre e supriu com vantagem a ausência de alguns «medalhões» que nada mais representam na vida intelectual do país.

Ao ver que era impossível impedir a realização do Congresso ou desvirtuar as suas finalidades, o inimigo ten-

tou bloqueá-lo com uma vergonhosa campanha de silêncio e procurou impedir, por todas as formas, a divulgação e a repercussão de seus debates e resoluções. Mas essa manobra também falhou. O Congresso teve uma repercussão internacional. De todo os países do mundo vieram mensagens de apoio e confiança, transmitidas pelos maiores vultos da literatura universal. Da França, chegaram os aplausos de Aragon, Elsa Triolet, Jean Marcenac, Tristan Tzara, Pierre Daix, Claude Morgan, Jean Gandrey Rety, Paul Eluard, Pierre Gamarra, Georges Soria e André Wurmser. Em nome dos intelectuais progressistas norte-americanos, enviaram mensagens de solidariedade os escritores Stefan Heym, Howard Lawson, Dalton Trumbo, Howard Fast e outros. Chegaram também as calorosas saudações dos grandes poetas Pablo Neruda e Nazim Hikmet e o apoio fraternal de Ilya Enrenburg e de outros escritores soviéticos. Solidarizaram-se ainda com o Congresso a União dos Escritores da República Popular Chinesa e a Associação dos Homens de Letras Polonesas. A repercussão do Congresso de Porto Alegre venceu a barreira de silêncio erguida pela reação e atravessou, pois, as nossas fronteiras. Mas foi aqui no Brasil, junto às amplas camadas populares, que ele repercutiu mais profundamente. O nosso povo deu o seu apoio mais efetivo à realização do congresso de escritores, porque avaliou desde logo a sua importância e nele soube confiar. Sem esse apoio constante e efetivo do nosso povo, os escritores brasileiros não teriam podido realizar o seu vitorioso IV Congresso.

Os trabalhos decorrem num ambiente de compreensão e cordialidade. Depois de discutirem ampla e livremente os seus problemas durante cinco dias puderam os escritores brasileiros dar expressão à média de seus anseios e aspirações através de uma declaração de princípios e um corpo de resoluções práticas que, pelo seu conteúdo e seu alcance, estão destinadas a se converter num programa de ação e numa norma de conduta para a sua vida associativa e profissional.

A declaração de princípios de Porto Alegre mostra antes de tudo que os escritores brasileiros souberam se colocar à altura de suas responsabilidades e corresponderam à confiança nêles depositada pelo nosso povo. É uma declaração de caráter amplo e unitário, que marca com nitidez a posição do escritor dentro das lutas que o povo brasileiro vem travando em defesa da Paz, do progresso e da cultura. Os escritores do Brasil não ficaram alheios às grandes campanhas em que o nosso povo está empenhado, e assim puderam

J O R G E A M A D O SAUDA O IV CONGRESSO

“Envio ao IV Congresso Brasileiro de Escritores os meus melhores votos de trabalho e grande sucesso. Tendo participado dos dois primeiros Congressos, sei que êste IV será mais uma afirmação do espírito de Paz e democracia que anima a obra e a ação dos nossos escritores. E, se assim não fôsse, estaríamos nós, escritores brasileiros, trairdo as tradições de nossa literatura, e abandonando os mais altos interesses de nosso povo e de nossa Pátria. Literatura significou sempre, no Brasil, na realização dos grandes mestres do passado, compreensão dos problemas fundamentais em cada época, luta pelo progresso; por uma Pátria livre, por uma cultura própria e pela fraternal amizade com os demais povos. Diriço-me a todos os escritores brasileiros, porque certo estou que devem ser igualmente caro a nós todos, qualquer que seja nossa concepção política, religiosa ou estética: a independência da Pátria, o bem estar do povo, o florescimento cultural, a livre expressão das idéias. Todo êsse clima necessário à obra de criação literária se encontra em grave perigo. Só uma Paz estável pode nos dar as condições necessárias para o progresso de nossa Pátria, para o desenvolvimento de nossa cultura. Se amamos nossa profissão de escritores, então compreenderemos que nossa primeira obrigação é lutar pela Paz, é cooperar. Com o coração pleno de saudade do Brasil, eu saúdo o IV Congresso, certo de que êle será uma vitória da Paz e da Cultura brasileira.

Zamek, Dobris, Tchecoslováquia. (as.) JORGE AMADO”.

sentir toda a força dos 4 milhões de assinaturas lançadas pelos seus patriotas ao pé do Apêlo de Estocolmo, ouviram os dois milhões de vozes que entre nós já se ergueram exigindo um pacto de paz entre as cinco grandes potências e compreenderam a justeza das lutas populares contra o envio de tropas, contra a dominação estrangeira, contra a miséria e a carestia. O Congresso de Porto Alegre mostrou que o escritor brasileiro está ligado ao povo e sente os seus problemas. Com essa firme atitude de participação, que ressalta de todo o texto da declaração de princípios, podemos afirmar com orgulho que os escritores brasileiros atingiram um nível mais alto de compreensão de seus deveres e responsabilidades e se transformaram em legítimos porta-vozes de milhões de homens e mulheres que em nossa pátria lutam pela paz e pelo progresso, quando declaram: «Nosso povo não quer a guerra, opõe-se a uma nova carnificina. Refletindo o sentimento nacional, os escritores brasileiros proclamam sua decisão de tudo fazer contra o desencadeamento de uma nova guerra e em favor de um acôrdo de paz entre as cinco grandes potências. Os escritores brasileiros consideram que devem lutar contra os atentados ao pensamento e à liberdade de criação. Compreendem também que é necessária uma participação maior do escritor na salvaguarda da independência nacional e no repúdio a todas as formas de interferência estrangeira nos negócios internos do Brasil. Os imensos recursos e as forças criadoras do nosso país podem e devem ser utilizados para fins pacíficos, em benefício de toda a coletividade e do levantamento do nível de vida e cultura do povo.»

— oOo —

A declaração de princípios de Porto Alegre mostra, por outro lado, que a maioria dos escritores brasileiros repudia a tese do «apoliticismo» levantada por aqueles que estão interessados em desligar o escritor das próprias fontes do seu trabalho — a vida e a luta de seu povo, os problemas de seu tempo e da sociedade em que vive — para transformá-lo num mero espectador dos fenômenos sociais e políticos. Nesse sentido, os falsos defensores do «apoliticismo» procuram fazer intrigas e lançar confusão. Tentam caracterizar

“Os escritores brasileiros reúnem-se num momento muito difícil e muito importante. A ameaça de guerra não permite aos homens respirar. Repeti várias vezes que os escritores são responsáveis pelos seus leitores. A literatura é algo de grande. Sei que o povo brasileiro, como todos os povos, deseja a Paz. Estou convencido que os escritores brasileiros saberão defender seus leitores da catástrofe que seria para o povo do Brasil uma nova guerra. Envio-lhes a saudação fraternal de um escritor soviético, e desejo-lhes inspiração, coragem e vitória sobre as forças do mal.”

Ilya Ehrenburg.”

“Saudações ao IV Congresso dos Escritores Brasileiros. Saúdo-os em nome de centenas de escritores americanos progressistas, amantes da paz. Em face das ameaças de castigo e prisão, eles continuam a exprimir os sonhos e as aspirações de milhões de americanos que amam a democracia e prezam a paz. A unidade de todas as forças americanas de paz é a esperança do futuro.

Howard Fast”.

“Na hora em que a luta pela paz reúne, ao lado dos povos, todos os intelectuais confiantes no progresso, desejam os escritores franceses aos brasileiros que realizem a mais ampla união para assegurar, ao mesmo tempo que um futuro pacífico, a defesa de sua rica cultura nacional. Com esse espírito, os escritores franceses saúdam, com grande amizade, o Quarto Congresso dos Escritores Brasileiros.

Aragon, Elsa Triolet, Pierre Courtade, Jean Marcenac, Tristan Tzara, Pierre Daix, Claude Morgan, Jean Gandrey Rety, Paul Eluard, Pierre Gamarra, Georges Soria e André Wurmser”.

como manobras sectárias ou partidárias os mais legítimos movimentos pela unidade da frente intelectual e todas as lutas pelas reivindicações profissionais dos homens de letras. Negam aos escritores o direito de se unirem sobre uma base de princípios amplos e reconhecidamente necessários ao próprio trabalho de criação literária e ao desenvolvimento da cultura. Procuram impedir, por todas as formas, que o escritor se ligue ao povo e se interesse pela melhoria de suas condições de vida, como se o intelectual pudesse pairar acima de condições objetivas adversas, acima da miséria do povo, do analfabetismo, da dominação econômi-

ca estrangeira. Todos esses são problemas fundamentalmente políticos, que exigem soluções políticas e diante dos quais o intelectual honesto, sejam quais forem suas tendências filosóficas, religiosas ou estéticas, não pode ficar indiferente.

Mas vejamos quem são entre nós os arautos desse «apoliticismo»? São precisamente os escritores que fazem política prática ao lado das forças mais reacionárias e antipatrióticas, as forças que tramam contra a soberania nacional e oprimem o nosso povo. E' o Sr. Manuel Bandeira, que faz política de traição nacional quando, nos seus poemas de lacaio, abre as portas de nossa

O IV Congresso Brasileiro de Escritores

não foi uma simples tertulia de homens de letras, nem apenas uma reunião de intelectuais falando de literatura. Foi, sim, uma ampla tribuna de debate, em que se discutiram com vivacidade os problemas do escritor, sem se deixarem esquecidos os problemas mais profundos da humanidade.

Não se limitou o Congresso a versar exclusivamente os assuntos da cultura, aliás de preponderante importância, mas penetrou também o terreno da política, no seu exato sentido e na sua concepção mais pura, a fim de pugnar pela paz, uma vez que a inteligência só pode produzir utilmente num mundo em que os povos se irmanem e as nações se entendam.

E' certo que uma propaganda de origem suspeita,

afastou numerosos intelectuais do IV Congresso Brasileiro de Escritores, mas, se essa campanha isentou o certame de muitos medalhões de nossas letras, não conseguiu afugentar dele uma pleiade de jovens, estuantes de entusiasmo, que muito contribuiu para o seu maior brilho.

Trouxe da reunião de Porto Alegre a melhor impressão, mormente das suas manifestações com referência aos problemas maximos da humanidade, no que diz respeito à Paz. Se é certo que foi a previsão desta conduta que afastou do Congresso alguns escritores cheios de talento e de glórias literárias, não deixa de ser verdade — e que dolorosa verdade: — que esses escritores se mostraram com isso, vazios daquela porção imprescindível de coragem e caráter, que os levaria à preferência de servir antes aos anseios do povo do que aos interesses de forças poderosas a ao poder de influências invencíveis para eles.

GONÇALVES MACHADO



pátria e manda o estrangeiro entrar e abusar. E' o Sr. Carlos Lacerda, que nunca fêz outra coisa na vida senão um jornalismo político da pior espécie, baseado na intriga e na calúnia. E' ainda o ex-deputado Gilberto Freyre que talvez tenha assumido a sua cadeira na Câmara com o ingênuo propósito de continuar suas elocubrações «sociológicas.» São os Srs. Sérgio Millet, Antônio Cândido, Domingos Carvalho da Silva e outros eternos frequentadores derrotados da legenda do Partido Socialista Brasileiro. E' o Sr. Carlos Drummond de Andrade que, com sua poesia decadente, faz hoje a política mansa de quem não quer perder a sinecura que a política de Getúlio lhe deu. E assim são todos — desde os velhos politiquieiros internacionais, como Augusto Frederico Schmidt e Tristão de Ataíde, até os literatelhos que hoje rondam o Catete para fazer a política «cultural» de Getúlio. Todos fazem política — política reacionária e de traição nacional e têm a ousadia de acusar de sectário um Congresso como o de Pôrto Alegre, em que os escritores deixam de lado muitas de suas divergências partidárias e ideológicas para se unirem em torno de princípios políticos os mais amplos e essenciais — como o desejo de paz e de liberdade, a defesa da soberania nacional e a luta por melhores condições para o progresso da cultura em nossa pátria. Sob êsse aspecto, o Congresso de Pôrto Alegre foi um congresso de afirmação política dos escritores brasileiros e por isso constituiu mais uma derrota dos pseudo-defensores da «neutralidade» e do «apoliticismo.»

Reconhecemos a existência de escritores honestos que sinceramente se julgam apolíticos e não desejam participar de movimentos partidários. Mas êstes devem compreender que não estão de maneira alguma impedidos de levar seu apoio e colaboração ao trabalho da ampla frente criada pelos seus colegas em torno da declaração de princípios e das resoluções de Pôrto Alegre. Se êsses escritores analisarem o conteúdo dêsse documento, se enfrentarem o debate leal e franco que a vida associativa permite, verificarão que a Declaração de Princípios abre um grande campo para o entendimento comum e que as Resoluções apontam, por seu

lado, amplas perspectivas para a unidade de ação e para as atividades práticas dos escritores em luta por justas reivindicações.

“A distância geográfica entre a China e o Brasil é muito grande, mas o coração do povo chinês pulsa ao ritmo do coração do povo brasileiro. Isso porque antes de tudo, o povo chinês, através uma penosa experiência de muitos anos, compreende perfeitamente a situação em que o povo brasileiro se encontra atualmente e se solidariza com sua luta. Após um duro combate de muitos anos, o povo chinês se libertou do jugo imperialista e do feudalismo. Nós confiamos em que o povo brasileiro continuará sua luta contra o imperialismo norteamericano, nosso inimigo comum e feroz, até obter a libertação do povo, a completa independência da pátria, a garantia de uma paz durável e o regime de democracia popular. Em nome da União dos Escritores da República Popular Chinesa, e em meu próprio nome, desejo grande sucesso ao IV Congresso Brasileiro de Escritores, dêses escritores que se colocam ao serviço do povo. Os escritores chineses, o povo da China, estarão sempre ao vosso lado.

Emi Sião”

“Saúdo fraternalmente o IV Congresso de Escritores Brasileiros, importante acontecimento da vida cultural da América Latina. A literatura brasileira tem sido, através dos tempos, uma grande força criadora de civilização em nosso continente e uma grande arma de liberdade. O exemplo glorioso de Castro Alves é um patrimônio de todos os povos da América.

Hoje, sôbre nossas culturas nacionais, sôbre a independência de nossas pátrias e sôbre a vida de nossos concidadãos, pesa a ameaça de morte, da morte atômica, que os homens de Washington desejam semear para conservar suas fortunas injustas.

Nenhum escritor latino-americano pode ficar indiferente ante tal perspectiva. Os povos estão decididos a impedir guerra, e o pôsto dos escritores se encontra na frente dos povos na luta pela paz. Para minha poesia não existe hoje mais fundamental tema que o da paz. Estou certo de que os escritores brasileiros expressarão em seu IV Congresso todo o desejo de paz do grande povo do Brasil, dêsse Brasil que é chamado a ser o centro da luta de libertação de nosso continente. E' com amor e saudade que penso no Brasil, em seus rios, em suas selvas, em seus grandes homens, em seus escritores.

Desejo-lhes um grande e frutífero trabalho.

No exílio, Praga, setembro de 1951

Pablo Neruda.”

de livros, cursos de literatura, arte e história e toda uma série de empreendimentos que atraíam os escritores, os estudantes e o povo. Devemos organizar festivais de poesia e folclore e reativar por todos os meios o intercâmbio com os escritores do interior e dos outros Estados. A publicação imediata da Revista da A.B.D.E. e a organização de uma linha de distribuição de artigos dos sócios também poderão dar novo impulso à vida da Associação.

Mas o fator mais importante para o progresso da A.B.D.E. será, sem dúvida, a mobilização dos escritores em torno de suas reivindicações. O Congresso de Pôrto Alegre nos revelou que o escritor brasileiro tem uma série enorme de problemas a resolver e sofre todas as limitações impostas pela estreiteza do nosso mercado editorial, pela situação de miséria e atraso das grandes massas das cidades e dos campos, pelo «dumping» do livro estrangeiro, pela falta de proteção ao livro e ao trabalho intelectual. Todos esses problemas, que foram debatidos sob seus aspectos mais gerais, deve merecer um estudo mais atento e aprofundado de todos os escritores. Em torno deles poderemos abrir debates, organizar mesas redondas, palestras e conferências, mas desde logo é necessário que a A.B.D.E. se lance na luta em defesa das reivindicações mais sentidas pelos escritores e que estão consubstanciadas nas resoluções do III Congresso Paulista e do IV Congresso Brasileiro. Uma associação como a A.B.D.E. só poderá ganhar corpo e progredir na medida em que a transformarmos num centro de atividade prática do escritor e num eficiente instrumento para as suas lutas reivindicatórias.

— oOo —

O Congresso de Pôrto Alegre foi uma vitória das forças da Paz, da Cultura e do Progresso em nossa terra.

Os escritores brasileiros saíram dele mais unidos e mais fortes e com um

largo programa de trabalho para executar. O necessário agora é reforçar a A.B.D.E., manter as suas gloriosas tradições e colocá-la à altura da confiança e das esperanças que nela depositam os escritores e o povo do Brasil.

“Saúdo o IV Congresso Brasileiro de Escritores por intermédio de meu amigo e grande escritor Jorge Amado, desejando sucesso nos trabalhos. Aproveito a ocasião para agradecer aos escritores brasileiros por sua solidariedade à campanha por minha libertação; minha libertação prova a força da luta dos escritores pela paz. Em nome do povo turco asseguro nossa fidelidade à causa da paz. Vosso IV Congresso pode ser uma grande vitória da paz e dos povos da América, contra a literatura de propaganda de guerra.

Saúdo com amor, vossa literatura de paz e progresso.

Nazim Hikmet.”

“A Associação dos Homens de Letras Poloneses deseja ao IV Congresso dos Escritores Brasileiros, frutíferos debates. Estamos convencidos de que o vosso Congresso obterá atitude decidida na questão da luta pela Paz, questão cuja importância é tão grande hoje, sabendo-se que somente a derrubada dos planos de guerra imperialista pode garantir um desenvolvimento livre das culturas nacionais. A Associação dos Homens de Letras Poloneses, une-se aos escritores brasileiros em sua luta por um futuro melhor e mais justo.

Secretário geral: J. Putrament
Presidente: L. Kruczkowski.”

“Em nome dos escritores Martin Andersen, Hans Kirk, Hans Scherfix, Otto Gelsted, Hilmar Wulft e Peer Scholdemose, e em meu próprio nome, saúdo vosso Congresso e desejo o maior sucesso aos vossos trabalhos, à vossa literatura progressista, aquela que luta pela Paz e por uma vida feliz para todos os povos do mundo.

Charles Haugboll.”

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

“Os escritores brasileiros, reunidos em IV Congresso na cidade de Pôrto Alegre, fiéis ao espírito dos Congressos anteriores, sem distinções políticas, religiosas ou filosóficas, consideram, nesta hora grave para a humanidade, que é necessário lutar unidos, em defesa dos interesses de sua profissão e do efetivo desenvolvimento da cultura nacional.

Todos os valores e conquistas do espírito se acham ameaçados pelo perigo iminente de uma nova guerra. Agravam-se as condições de vida do escritor, como reflexo das condições de vida em nosso país, ao mesmo tempo que aumentam os atos de arbítrio e de violência contra as liberdades fundamentais do cidadão. A preparação guerreira é um obstáculo à atividade cultural, pois favorece a imposição de leis de exceção, que ferem a livre expressão do pensamento, agravando também a situação econômica do país.

Nosso povo não quer a guerra, opõe-se a uma nova carnificina. Refletindo o sentimento nacional, os escritores brasileiros proclamam sua decisão de tudo fazer contra o desencadeamento de nova guerra e em favor de um acôrdo de paz entre as cinco grandes potências.

Os escritores brasileiros consideram que devem

lutar contra os atentados ao pensamento e à liberdade de criação literária. Compreendem também que é necessária uma participação maior do escritor na salvaguarda da independência nacional e no repúdio a todas as formas de interferência estrangeira nos negócios internos do Brasil. Os imensos recursos e as forças criadoras do nosso país podem e devem ser utilizados para fins pacíficos, em benefício de toda a coletividade e do levantamento do nível de vida e de cultura do povo.

Entendem os escritores brasileiros que a A. B. D. E. deve assumir maiores deveres e responsabilidades na defesa de soluções práticas dos problemas do escritor e da cultura em nossa pátria, assegurando dêsse modo, condições para o exercício da atividade cultural.

Congregados em torno dêstes objetivos, os participantes do IV Congresso fazem um solene apêlo no sentido de que os escritores de todo o país se unam na defesa de seus interesses, pelo desenvolvimento de nossa cultura, pelo bem-estar e o progresso de nosso povo e pela paz mundial.

RESOLUÇÕES

Após um amplo debate sobre o temário, resolve o IV Congresso Brasileiro de Escritores adotar as seguintes resoluções, que devem servir de base ao programa de ação do Conselho Nacional da A. B. D. E.:

- 1) — Elaborar o Código de Proteção ao Trabalhador Intelectual;
- 2) — Preservar o livro nacional contra a concorrência estrangeira que se revestir de forma de «dumping» e lutar pela ampliação do mercado interno e por medidas que assegurem o barateamento do custo da produção do livro;
- 3) — Reclamar maiores dotações orçamentárias destinadas a fins paci-

ficos e culturais e a fomentar a instrução pública, bem como a instituição de prêmios que sirvam de estímulo à criação literária e artística, sob o patrocínio ou com a colaboração da A. B. D. E.;

- 4) — Favorecer a criação de uma literatura infanto-juvenil que fortaleça os sentimentos de amor à pátria e fraternidade com todos os povos e raças, e combater a influência nefasta das historietas em quadrinhos de procedência estrangeira;

- 5) — Protestar contra a aplicação da chamada lei de segurança e todas as medidas que cerceiem a liberdade de pensamento; contra as apreensões

de livros e a proibição do acesso às fontes de pesquisa literária, e contra a censura prévia; tomar posição contra qualquer condenação por «delito de idéias»;

- 6) — Defender o livre e pleno intercâmbio científico e cultural com todas as nações;

- 7) — Preconizar um entendimento entre as grandes potências, através de um pacto de paz entre os Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Inglaterra e França, pacto aberto a todos os países, não significando essa atitude apoio a tal ou qual governo, mas simples condenação à guerra e meio para a criação de um clima pacífico indispensável ao desenvolvimento da cultura; propugnar pela solução pacífica do conflito coreano, que ameaça ser o foco de uma nova guerra mundial; condenar todas as formas de propaganda de guerra e de ódio entre as nações;

- 8) — Defender, de acordo com as melhores tradições patrióticas, a soberania nacional e o direito de nosso povo a uma vida independente, condição básica para que exista uma literatura emanada das fontes vivas do sentimento popular;

- 9) — Tornar a A. B. D. E., através de seu Conselho Nacional, uma organização mais viva e atuante em defesa dos interesses dos escritores, para isso incrementando o intercâmbio entre as diversas seções e organizando os departamentos de difusão, de pesquisas e de assistência médica e jurídica.

“Saudações e felicidades ao Congresso dos Escritores Brasileiros. Como escritor dos Estados Unidos, tenho a honra de acrescentar a esperança no sucesso de vosso Congresso. Nestes tempos, os escritores de todo o mundo têm uma responsabilidade especial, já que contribuem para modelar as opiniões e as emoções do povo. Nenhum escritor, em sua obra ou em seus deveres de homem e cidadão, pode fugir à questão cardeal de nossa era: Sois pela paz ou pela guerra — pelo progresso humano ou pelo barbarismo — por uma vida feliz e construtiva ou pela morte atômica? Confio em que nessa questão os escritores brasileiros se encontrarão ao lado dos escritores progressistas dos Estados Unidos, ao lado de Howard Lawson e Dalton Trumbo e muitos outros como eles, ao lado da paz.

Stefan Heym.”



«Arte não é moda nem indústria.» Eis uma dessas afirmações que, não obstante o tom acaciano com que foram proferidas e as intenções do Prof. Cimbelino de Freitas, são mais do que oportunas. E' justo. Arte não é moda nem indústria, embora esteja na moda reviver mais uma vez aquêlê «show» de 1922 que se convencionou chamar «Semana de Arte Moderna.» Arte não é moda nem indústria, apesar das intenções nada abstratas dos que procuram criar um mercado nativo para os quadros de gente que não mais vende na Europa e, até, nos Estados Unidos... Em que pese todos os zelos do Prof. Cimbelino, porém, parece que está na moda filiar movimentos políticos, econômicos e estéticos aos anos de 1922.

A inauguração da Primeira Bial do Museu de Arte Moderna de S. Paulo compareceu o Ministro da Educação para transmitir o pensamento do Sr. Getúlio Vargas. E enquanto uma burguesia feudal armada de grandes chapéus se escandalizava diante das esculturas (!?) da Sra. Maria Martins, o Sr. Simões Filho fazia tremer a velha barbinha branca para dizer numa voz sepulcral que a «arte moderna» nasceu em 1922 no Brasil e que os trabalhos ali expostos eram o produto daquela época. Daí a um mês, inaugurava-se o Primeiro Salão Paulista de Arte Moderna. O Governador Garcez, imitando o presidente, não compareceu, fazendo-se representar pelo Secretário da Educação. E' o Sr. Oliveira Costa que talvez entenda de administrar suas fazendas e cafezais (é secretário interino da Educação e titular da Secretaria da Agricultura), teve que deitar discurso. A semelhança do Ministro, lembrou a «Semana de Arte Moderna», — a revolucionária «Semana de Arte Moderna.»

Ora, basta a palavra revolução andar tão corriqueira na bôca de pessoas tais para provocar desconfiança ao mais ingênuo dos mortais. Que diabo vem fazer aí a palavra revolução, ligada à «Semana de Arte Moderna de 1922?» E por que moderna? Moderno — se não nos enganamos — é aquêlê que expressa os mais elevados, justos anseios e ideais de seu tempo. Nesse sentido, o velho Almeida Junior, autor de «O Derrubador Brasileiro» havia sido mais moderno do que todos os barulhentos participantes da «Semana.»

Para compreendermos 1922, precisamos não nos esquecer de que o café estava no auge. Filhos e filhas de fazendeiros iam à Europa à custa do ouro sugado aos cafézais e lá eram tidos e havidos como novos cresos. Conta-se de um dêles que, junto com amigos do Brasil, chupou em uma só noite enorme botelha de conhaque do mais fino, dêsses que as famílias pequeno-burguesas da França guardavam durante anos. E' natural que ao voltar estranhassem o meio semifeudal, as preocupações dos pais em ter em suas casas senhoriais paisagens bem feitas, executadas pelos pintores de então. Grande parte dos nossos pintores — esse é fenômeno que perdura ainda — era proveniente do pequeno artesanato, artistas que à custa de muito

esforço, num meio atrasado, conseguiram firmar-se como profissionais da pintura. Sem grandes pretensões teóricas, visando principalmente a venda de suas telas, chocavam as veleidades de pessoas que andaram borboleteando através dos ateliers europeus e queriam dar a última nota. Foi fácil por isso conseguir do Presidente Washington Luís a cessão do Teatro Municipal.

Os jornais da época, tal como estão fazendo hoje, protestaram ou aplaudiram o agrupamento reunido barulhentemente no mais chic local de S. Paulo. Nenhum, no entanto, mostrou que em sua essência a «Semana» era um movimento de reação ao ascenso democrático, ao despertar e organizar-se do proletariado em nosso país. E' que jornais operários surgiam em todos os cantos, dirigidos por anarquistas, socialistas e comunistas; nesse mesmo ano era fundado o Partido Comunista do Brasil. «A literatura do após-guerra, — segundo nos conta o escritor Afonso Schimdt — enveredava pela senda democrática através de seus elementos mais expressivos, desmascarando a guerra e a opressão do homem pelo homem. No Rio, fundava-se a revista «Claridade», que reunia êsses elementos e em S. Paulo agrupavam-se eles no

latifundiários numa diretoria modesta e seus quadros de hoje não diferem muito de alguns daquele tempo; Ferrignac (Ignácio da Costa Ferreira) parece que abandonou pretensões plásticas e se tornou delegado de polícia; John Graz transformou-se em decorador dos ricos; Brecheret prosseguiu trabalhando com afinco sem que, até hoje, saiba o que realmente pretende. Enfim, a «Semana» passou e com ela os trabalhos expostos.

Maior influência — e esta no sentido positivo — iriam exercer muitos anos depois Cândido Portinari e Guignard na Universidade do Distrito Federal e, em S. Paulo, os integrantes do chamado «Grupo de Santa Helena.» O primeiro reunia em torno de si um cenáculo de jovens promissores; seus murais penetravam mais fundo na sensibilidade e consciência dos pintores progressistas do que tôda a barulhada de 1922. Todavia, enquanto a «Escola do Rio» era constituída de professores e pintores com prêmios de viagem, em S. Paulo, os grupos que se formavam tinham um acentuado caráter proletário.

No sombrio Edifício de Santa Helena, lá pelos anos de 1933-34, reunia-

O sôro da esterilidade

IBIAPABA MARTINS

Grupo Zumbi. Escritores pequeno-burgueses e operários juntavam-se no mesmo clamor contra os latifundiários e grandes fazendeiros de café e pecuaristas.»

Os integrantes da «Semana», salvo as honrosas exceções de praxe, pertenciam justamente a essa burguesia feudal contra a qual daí a três meses (a Semana de Arte Moderna se realizou em fevereiro de 1922), haveriam de levantar-se os «Dezoito do Forte de Copacabana.» Num momento em que o clima reinante é todo contra o Poder, em que os melhores filhos do povo se levantam em armas para derrubar os velhos oligarcas, não seria cabível que artistas revolucionários fôssem tão bem tratados pelo oficialismo e tivessem como corifeu o governista Menotti del Picchia. Reuniu-se portanto a «Semana de Arte Moderna» com os Paulo Prado, Menotti, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e alguns artistas realmente desejosos de fazer algo de novo, conforme ainda hoje pode acontecer na Primeira Bial. Mas êstes artistas, que poderiam significar algo novo, eram envolvidos pelos filhos de fazendeiros e intelectuais do oficialismo, que davam a essência ao movimento, orientando-o no sentido de seus interesses.

Que resultados positivos trouxe a barulhada de 1922 para as artes plásticas? Di Cavalcanti continuou a pintar como sempre e fizera, tornando-se um grande artista e descrendo da utilidade daquele movimento. Anita Mal-

se um grupo de antigos decoradores e pintores de liso. Havia de tudo entre eles, desde emigrados recentes como Pennacchi, até velhos pintores de parede como Alfredo Volpi ou jogadores de futebol há pouco aposentados como Francisco Rebôlo. A crise, a falta de trabalho, era a preocupação constante daqueles homens que antes viviam de decorar paredes de residências grã-finas de S. Paulo. Sem trabalho quase sempre, distribuam-se por três ou quatro escritórios naquele edificio. Quase tôdas as noites se reuniam para discutir a situação nacional e internacional, o socialismo, o fascismo, o comunismo. Rebôlo, Volpi, Manuel Martins, Humberto Rosa, Mário Zanini, Clóvis Graciano, Figueira, Pennacchi, eis alguns dos pintores do Edifício de Santa Helena. Quase todos eram ou tinham sido operários e sentiam na própria carne as conseqüências da crise. Homens ligados aos problemas de seu tempo, empolgavam-se pelo ascenso das forças democráticas do país, conduzidas pela Aliança Nacional Libertadora. Sua pintura era o reflexo de uma formação autodidada. Aos poucos a pintura dêstes autodidatas se foi impondo ao meio e conseguindo os elogios da crítica. Graças às discussões que se processavam nas salinhas pequeninas do Edifício Santa Helena foi possível o aparecimento do Sindicato dos Artistas Plásticos e a série de exposições organizadas por essa entidade, paralelas às mostras do Salão Paulista

de Belas-Artes, iniciadas em janeiro de 1934. Mais tarde, surgem os diversos salões de maio, nos quais há número muito maior de senhoras ricas, amadores de artes plásticas e um pouco do espírito de 1922. Justamente por isso, um grupo de dissidentes dêste salão resolve mais tarde reunir-se aos integrantes do «Grupo de Santa Helena» e é então que aparece a chamada «Família Paulista», na qual se integram Vólpi, Bonadei, Paulo Róssi, Gobbis, Graciano e muitos outros.

— :- —

S. Paulo, terra do café e da indústria, sempre teve o que se convencionou chamar o «mecenas». Ainda hoje, entre as famílias de quatrocentos anos, é de bom tom falar dos salões de D. Olívia Guedes Penteado. Outra Penteado, a Sra. Iolanda Penteado Matarazzo, senhora do Sr. Francisco Matarazzo Sobrinho, ocupa o lugar deixado por aquela amiga das artes. Ora, a influência dêsses mecenas junto de muitos artistas tem sido mais negativa do que positiva, já que são eles os mais conscientes representantes de uma ideologia de classe. Quase tôdas as «modas artísticas» saem das recepções dadas por êsses chamados protetores das artes e dos artistas; são sempre «modas» destinadas a afastar cada vez mais os artistas de seu povo e de sua classe. Vemos então probos artesãos procurando justificar com uma fraseologia de encomenda suas concessões à ideologia dêsses representantes da burguesia-feudal, tornando-se estêreis enchedores de telas. Se não vejamos o exemplo da Bienal.

Como se sabe, os latifundiários e grandes burgueses resolveram prestigiar ao máximo aquela mostra. A Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo, os grandes cotonifícios e fábricas de fiação e tecelagem, os fazendeiros de café e as firmas imperialistas destinaram generosos prêmios aos expositores, e, desde o início, reinou a maior confusão sôbre as preferências estéticas dos orientadores daquela mostra. Desarvorados, muitos artistas procuraram «fazer a arte mais moderna» afastando-se o mais possível da realidade presente. Por isso, quem percorre a «Bienal» não terá a impressão de que vivemos no século XX, de que aquêles pintores são as testemunhas do tempo em que vivem. Não estão presentes ali os testemunhos honestos (salvo as raras exceções) dos artistas plásticos de S. Paulo. Justamente porque há um prêmio Fábrica Mariângela, não foram apresentadas telas através das quais possamos saber que um dos anseios mais sentidos da imensa maioria do nosso povo é a reivindicação de salários mais altos, salários que impeçam o trabalhador de morrer de fome. Justamente porque existe um Prêmio Lunardélli, nenhum artista pensou na luta pela terra, na expulsão dos camponeses por parte dos latifundiários. A realidade em geral não está presente nos trabalhos dos pintores brasileiros. A ideologia das classes dominantes não faz sentir seu peso em vão... E uma exposição de artes plásticas ou qualquer outra manifestação artística só interessará às classes dominantes à

medida que afaste os artistas da realidade social, alheando-os das lutas de seu povo.

Aliás, o que é a «Bienal» de São Paulo foi dito pelos que mais exprimem seu espírito. Flavio de Carvalho, por exemplo, afirmou que «há vinte anos a arte moderna era considerada um espantinho para a burguesia mas que hoje, com a «Bienal», a burguesia revelou-se culta, familiarizou-se com a arte moderna.» Enfim, segundo suas próprias palavras, atraíu a burguesia que se entregou aos encantos do abstracionismo. Estas afirmações, feitas numa «mesa redonda» com temário imposto por diversos donos da «arte moderna», não ficaram todavia sem resposta. O prof. Enio Sandoval Peixoto, incontinenti, retrucou-lhe: — «A bur-

guesia é, hoje, a maior defensora do formalismo porque acredita pôde impedir que os artistas enfrentem os problemas do povo envolvendo-os com o formalismo. A burguesia defende o abstracionismo porque teme o conteúdo das verdadeiras obras de arte»

Com êsse exemplo da Bienal, procuramos mostrar que de 1922 a 1951, as classes dominantes, os amantes da arte e protetores dos artistas nada mais têm feito do que injetar o sôro da esterilidade na maioria dos nossos pintores e escultores através da ideologia que pretendem impor subrepticamente. Não é moderna nem revolucionária essa ideologia. E' justamente reacionária e velha como as classes que essa gente representa.



Litografia de Renina Katz que obteve o Prêmio de Viagem ao País no Salão Nacional de Belas-Artes dêste ano

A Bienal é contra os artistas brasileiros

J. VILANOVA ARTIGAS

A preparação da 1.ª Exposição Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, foi acompanhada de uma propaganda bombástica, enorme, maior que a própria exposição. Propaganda total (total também é a diplomacia de Acheson.) Dirigiu-a um certo Arturo Profili que a imprensa democrática já denunciou como parte do rebotalho fascista que desfruta em São Paulo um exílio comodo.

Uma propaganda cheia de previsões demagógicas e exageros, acabou desagradando os próprios organizadores. Eles mesmos se decepcionaram com a inauguração da realidade; que dizer do público e dos artistas. A imprensa, inteiramente a soldo do acontecimento, não pode esconder tudo.

O representante da "Bienale" de Veneza, sr. Giulio Baradel que aqui veio ver de perto a Bienal paulista desabafou em entrevista à imprensa sua opinião de concorrente que, tomado pela propaganda, já se sentia superado. Disse o sr. Baradel que há 32 anos organiza bienais em seu país, e que a Bienal paulista era uma "organização excelente, não tendo qualquer crítica a fazer-lhe "considerados" os poucos recursos de que poderá servir-se". Ora essa! A propaganda de Profili anunciava aos quatro ventos recursos bem maiores! Dois milhões em premios! Compareceriam todos os grandes artistas do mundo, diziam os jornais catequizados.

E já no ato da inauguração, descobre-se que foram poucos os recursos, que os mexicanos não vieram e que não estavam na mostra quadros dos pintores eu-

ropeus mais importantes no momento (Miró, Matisse, Laurens, Braque etc.) Ainda mais, ficou confirmada a suspeita de que os quadros, principalmente os da Europa, eram fornecidos por galerias, colecionadores etc. à revelia dos artistas que na prática, não concorreram a não ser por tabela. Os quadros e esculturas dos norte-americanos, confessou o ia n que D'Harnnancourt, pertenciam a coleções particulares. Enfim, concorreram os tu-barões colecionadores e os donos de galerias, os comerciantes da arte.

O acontecimento "social", esse sim, foi tremendo. Que recepções!

A Bienal inaugurou-se para os grã-finos e para as "autoridades". Os artistas receberam ordem de entrar uma hora antes, das 15 às 15,30, e se postarem, perfilados talvez, em frente de seus trabalhos para receberem cumprimentos! Que grosseria Mr. Profili! E' assim em Veneza Mr. Baradel?

Afinal, a exposição fez promessas aos artistas além dos premios. Prometeu "um brilhante panorama da arte moderna em todos os países", pesquisas sobre "as mais características tendências" e tudo resultou na inauguração da mais uniforme e cansativa repetição de velhos quadros das mais surradas formulas abstracionistas.

Ora! Monsiù Profili. Mussolini foi estraçalhado pelo povo italiano, e com ele o fascismo. Ou não foi, Monsiù Baradel?

Essa mesma imprensa desonestas que generosamente distribuiu a ruidosa propaganda obedecendo a um DIP invisível, des-

ce a mais pesada cortina de silêncio sobre todos os movimentos realmente progressistas que se realizaram na ocasião. O IV Congresso de Escritores, por exemplo. E por que? O IV Congresso de Escritores discutiu e votou monções de PAZ, a libertação nacional, os verdadeiros interesses dos escritores brasileiros. Foi nitidamente progressista, anti-imperialista. A imprensa não noticiou o Congresso. Nada disse. Nem mesmo a imprensa gaucha tão proxima.

E a Bienal? A Bienal é no seu conjunto pela guerra, a favor do imperialismo americano? Contra a libertação de nossa patria desse polvo que nos suga? Por isso teve propaganda, tem paginas abertas nos jornais burgueses?

Que a imprensa é vendida aos ianques, isso todos sabemos. Há provas fartas. Acabamos de receber a "visita" do agente Gordon Dean. Os jornais sempre fieis, fingem não saber ao que ele veio. Foi preciso um telegrama de Washington redigido com a brutalidade imperialista, para decidir a imprensa da Bienal a contar a missão de Mr. Dean — negociar minerios readioativos, materia-prima para a bomba atomica!

A Bienal é manobra imperialista.

O ditador Franco inaugurou a 12 de outubro em Madri, uma Bienal de Arte Hispano-Americana. Falou na ocasião, o pintor Dali, o ultra decadente Dali, "catolico ortodoxo", assegura a agencia telegrafica, como porta-voz de provocações falangistas.

Já há uma bienal em Veneza. Serviu Mussolini, e agora se nega a exhibir uma peça teatral sobre a Paz. Diz-se apolitica, não luta pela paz e não luta contra os fazedores de guerra — o que equivale a ser contra a paz, a favor da guerra.

São Bienais com serviços prestados à causa da reação.



DESENHO DE OTAVIO ARAUJO

Afirma o crítico Flavio de Aquino (Diário de Notícias — Rio) que a Bienal paulista também produziu, também tem uma folha de serviços. Provou varias cousas, convenceu a muitos.

Esta exposição, diz êle, demonstra a vitória do abstracionismo, coroamento lógico de todas as tendências latentes nos últimos 50 anos de arte contemporânea.

Sempre fomos, sob certo aspecto, contra o abstracionismo mas a Bienal de São Paulo... nos convenceu de que a arte abstrata é na realidade, o movimento mais fecundo e mais vivo do nosso tempo. Como nós, muitos terão mudado...

Afirma o crítico carioca que o cosmopolitismo venceu.

E que fiquem sossegados os senhores da classe dominante porque os artistas são um setor do povo que não oferece mais perigo porque de agora em diante, (vitória da Bienal) estarão voltados para as pesquisas da arte abstrata, longe do perigo de agitarem em suas produções artísticas os problemas do povo, a revolta popular, contra a miséria e o atraso em que vivemos. Não vibrarão com o povo odiando uma classe dominante sócia do imperialismo americano, vendida, incapaz. O caminho que terão tomado é o de uma arte que não cogita de cousas objetivas, de realidades e dela não se desviarão; os prêmios da Bienal são a certeza do milagre.

Convém entretanto diminuir no Brasil, o número de artistas.

O imperialismo quer um mercado entre nós, para suas produções também; e muitos artistas é muita gente a controlar, muita cultura. O imperialismo não gosta das culturas nacionais! E lá foram os nossos artistas para o porão da Bienal para completar as provas que os críticos e comentadores da exposição têm ventilado, da fraqueza dos artistas brasileiros que não suportam o contraste com seus colegas europeus. E não são somente os brasileiros que são "fraquinhos" mas os sul-americanos em geral. A única solução que aparece logo, é comprar quadros europeus. Disse o crítico do "Estado de São Paulo" no dia da inauguração:

'Somos de opinião que os delegados americanos, aqui presentes, ao regressarem a seus pai-

ses, têm o **dever** (grifo nosso) de desenvolver uma campanha muito ativa em favor do enriquecimento das coleções particulares e governamentais. As obras reunidas na Bienal serviriam para iniciar vários museus de arte-moderna, em diversos países centro e sul-americanos."

... julgamos sobremaneira oportuno e necessário acentuar a importância d'esse problema (iniciar museus) a que se filia o enriquecimento artístico dos países latino-americanos."

Enriquecimento artístico das republicas abaixo do Rio Grande, como seria a verdadeira linguagem do imperialismo americano, sem camuflage, paralelo a um empobrecimento jamais visto, a uma pilhagem impiedosa de tôdas as riquezas naturais, do petróleo; paralelo à exploração brutal de povos inteiros submetidos a regimes títeres que o imperialismo na pratica mantém. Enriquecimento artístico de quem? Dos que pilham a América Latina? Mas então não é artístico, é só enriquecimento; porque para os povos americanos, é só empobrecimento, miséria, e fome.

E a Bienal tem cumprido assim os seus desígnios, como as outras bienais. Como instrumento de penetração imperialista vem oferecer à burguesia brasileira amedrontada, o cosmopolitismo como arma de combate ao povo, ao mesmo tempo em que faz um grande negócio, colocando em nosso mercado a sua produção, aniquilando nossa cultura, escravizando nosso povo.

Que os movimentos fascistas aproveitaram-se dos movimentos de arte-moderna para suas investidas contra o povo, hoje já não resta dúvida. Mas é comum entre os criticos burgueses a desonestidade de procurar obter o apoio forçado à arte abstrata pela exibição do argumento de Hitler — que teria chamado a

arte-moderna de arte degenerada. Todos guardam ódio ao nazismo. Todos têm horror de serem tidos como reacionários dê-se tipo. Mas é preciso esclarecer: Uma arte que foge da realidade, que serve os desígnios de uma classe decadente como a burguesia, uma arte qua abre as portas à penetração imperialista na medida que age como ópio para o artista, não é arte do povo, é arte da burguesia degenerada. Quanto a Hitler, quem o pôs no poder foi essa mesma burguesia, para afogar os movimentos populares alemães que ameaçavam consolidar-se. E se êle decidiu chamar a arte-moderna da época de degenerada, é porque do modernismo, os artistas alemães estavam derivando para a compreensão dos problemas de seu povo. O expressionismo alemão já contava a história das misérias do capitalismo da época.

Aliás, mentir foi apanágio do fascismo, do nazismo. Mussolini



não fingia anti-imperialismo, autarquia, luta contra a Inglaterra, enquanto avançava brutalmente sôbre a Abissínia?

Mussolini assinou o manifesto futurista de 1909, ao lado de Marinetti, e outros "revolucionários". E são do sr. Cassiano Ricardo estas palavras:

"O fascismo, como se sabe, nada mais é do que o reflexo do movimento de idéias levado a efeito pelos escritores da modernidade italiana."

Isto como intróito a uma informação sôbre a origem do integralismo e a semana de Arte Moderna de 22. Nisto concorre com o ditador e presidente Getúlio Vargas que anunciou públicamente não faz muito tempo o Estado Novo, o arremêdo fascista,

de coroamento necessário às revoluções estéticas de 22. A semana parece que tinha que resultar concretamente em fascismo: se não integralismo, estado-novo.

O Sr. Matarazzo Sobrinho, nunca foi contra o fascismo. Bem ao contrário.

Franco, o assassino de Garcia Lorca, patrocina Bienais com os Dalis. Convem finalmente esclarecer:

Os artistas e escritores progressistas, não são contra qualquer escola de arte. São sim a favor da participação da arte na luta que o povo duramente desencadeia contra o imperialismo americano, a miséria e a fome. São a favor da mobilização de todos os artistas para a luta pela libertação nacional do jugo estrangeiro, luta com as armas que lhe são peculiares, com as cores, as formas, a expressão, com os quadros, desenhos com a força comunicativa de sua arte. São contra as manobras burguesas de erigir em arte uma atividade charadística só para convencer, através de uma propaganda do tipo fascista, que a arte não tem interêsse nos problemas do povo. Que os artistas devem pôr-se à margem dos acontecimentos.

Num momento como o que atravessamos, em que o imperialismo americano agride nossa soberania com a complacência de uma burguesia caduca, e ameaça escravizar-nos completamente, usar nossos jovens para suas aventuras guerreiras, cumpre-nos esquecer escolas e tendências estéticas para acima de qualquer condição, unirmo-nos sôlidamente como cidadãos brasileiros que somos, patriotas e honestos, que desejam ardentemente a felicidade na nação, a liberdade de um povo. Unirmo-nos para a luta como um só homem, contra o inimigo da pátria, sob qualquer forma em que êle se apresente.

RAYMUNDO REYS

AFONSO SCHMIDT

Quando Raymundo Reys chegou de Paraopeba, Minas, era um mocinho magro, tizado, com cabelos tão pretos que pareciam de azeviche. Devia ter sangue de bugre. Nesta capital, aboletou-se numa pensãozinha do Be-xiga e tratou de arranjar emprego. Para ser exato, devo dizer que ele trazia consigo um caderninho escolar cheio de versos, uns versos delicados, afetuosos, íntimos, que, por isso mesmo, não deveriam fazer barulho naquela época.

Há trinta anos, o nome de Raymundo Reys (assim mesmo, com os dois yy) andava pelas revistas, subscrevendo carinhosos sonetos. Revolucionário em tudo, ele se mostrou conservador na grafia do nome. Mas onde o seu estro brilhou mesmo foi no semanário «A Lanterna», que tinha redação e oficinas no velho sobrado do Largo da Sé n.º 5. Seus «Cautérios», comentários em verso, eram cortados do jornal, com «gillete» e cuidadosamente grudados em cadernos, para não se perderem.

Seu primeiro emprego foi um bico no «Correio Paulistano»: suplente de revisor. O poeta conhecia o idioma, era assíduo no trabalho e cuidadoso na correção das provas. Com o tempo, foi melhorando a situação. Mas não era homem para se dar por satisfeito. Fez preparatórios, matriculou-se na Escola de Odontologia. Estudava de dia e trabalhava de noite. Alcançou o diploma. Mais tarde, deveria ser professor da mesma Escola.

Dedicou-se á política, mas uma política diferente, naqueles dias. Primeiro, formou entre os anarquistas e, depois, ali por 1920, quando as discussões acabavam muitas vezes em conflitos, alistou-se entre os comunistas. Muitos ainda lembram a sua figura esguia, fatigada, num traje preto que durante trinta anos pareceu o mesmo. Dava gosto vê-lo «torcer» violentamente pelos seus pontos de vista na política nacional e, particularmente, pelos destinos da Rússia que naquele tempo, era mais do que uma nação — era uma sementeira.

Em 1922, seu gabinete de dentista era na rua Líbero Badaró, lá em cima, quase na esquina da Ladeira do Ouvidor, no primeiro andar de um sobradinho que já foi demolido. Não havia elevador. Para visitá-lo, o que eu fazia muitas vezes tinha de subir uma escada de mais de trinta degraus. Seus clientes eram pobres e escassos. Os camaradas dispunham de crédito ilimitado e os seus molares eram extraídos

com particular carinho... Os leigos recebiam outro tratamento. Durante as extrações, á guisa de anestésico, tinham de ouvir a sua versão particular dos «Dez dias que abalaram o mundo». Mas ainda assim havia outras clientes menos felizes aqueles a quem o dentista, ao receber chamado urgente dos camaradas, abandonava na «cadeira elétrica», de boca aberta, e despencava pela escada, afim de providenciar um «habeas corpus»...

Paredes meias com o gabinete ficava a sede de uma instituição beneficente dos cirurgiões dentistas, de que era secretário. Ele guardava a chave para, alta noite, redigir as atas das sessões. Pois naquele salão de paredes empapeladas de verde, com seis filas de cadeiras e um lustre de quatro lâmpadas suspenso no teto, muitas reuniões se realizaram, tratando de outros fins que não os interesses da sociedade humanitária. Foi ali que, numa noite do ano de 1922, se reuniram diversas pessoas, para, sob a direção de Astrogildo Pereira, que para isso havia chegado do Rio de Janeiro, fundarem um partido político. No livro de presença não havia mais de meia dúzia de assinaturas. Finda a reunião clandestina, Raymundo Reys, com sua letra de circunstância, lavrou a ata. Redigiu-a na mesma forma tabeliã que empregava para as reuniões da sociedade beneficente de dentistas, de que era secretário. Dizia mais ou menos assim: aos tantos de tantos, nesta capital, ficou fundada a secção paulista do Partido Comunista do Brasil, instituição que... E lá vinham os intuitos do partido. Linhas abaixo, o papel almaço recebeu as assinaturas dos presentes, — poucas, mas históricas.

Decorreram anos. Raymundo Reys, que já havia constituído família, progredido, trabalhando com tenacidade incrível, continuou a dar o que podia ao Partido. Mais do que podia. Cliente que sentasse á sua cadeira recebia uma propaganda maciça. Os inimigos acabavam amigos, os indiferentes diferentes. Como era natural, sofreu as consequências dessa atividade. Havia sempre um homem de chapéu puxado para os olhos, encostado na porta do prédio. Raymundo da janela de cima, o via e admirava. Quando aquele indivíduo não aparecia ele ficava desapontado. Seria que a sua obra já não incomodava ás autoridades?

Durante muito tempo desempenhou as funções de agente de ligação entre o Partido Comunista do Brasil e o escritório «Arcos», de Londres. De lá recebia copiosa correspondência, livros,

jornais e revistas de propaganda. Um dia, porém, a polícia inglesa varejou o «Arcos» e deu escandalosa publicidade aos seus documentos. Os telegramas divulgados aqui, nos jornais contavam que o Brasil mantinha contacto com o «Komintern», instituição a que se atribuíam horrorosos intuitos... E o mais grave era que o nosso representante da Internacional Comunista era o perigoso Ray Rey. Quem seria esse terrível agente? Houve troca de correspondência entre a Terceira Delegacia, do Rio, e Scotland Yard, de Londres. Chamando com urgência, Sherlock Holmes apareceu em companhia do dr. Watson. Acendeu o cachimbo, atirou para o ar três círculos de fumaça, examinou o barro dos sapatos do estafeta, mergulhou em profundas cogitações, mas nada de importante descobriu...

Só algumas pessoas mais chegadas souberam que o «terrível» Ray Rey não passava do bondoso Raymundo Reys, que nunca teve coração para matar uma mosca. Esse fato encheu-o de alegria. Foi a primeira vez que lhe vi, brilhando nos olhos, a chama de uma vaidade.

Passou a vida inteira lutando. Era um militante modesto, convicto, disposto sempre aos maiores sacrifícios pela causa. Vivia pelo coração, acabou gastando o coração. Mas nem a doença conseguiu abater-lhe o ânimo. Quando a gente o visitava na rua Heitor Peixoto, travessa da avenida Lins de Vasconcelos, ele fazia um esforço tremendo para falar. Já certo de que ia morrer, escreveu uma carta aos amigos, reafirmando categoricamente as convicções que alimentara durante a vida inteira.

Nos primeiros dias de 1945, quando a vitória dos Aliados já alumia o horizonte, e destruídas as colunas do nazi-fascismo, o Partido Comunista do Brasil caminhava para a legalidade a que têm direito, ele se despediu dos íntimos. Estavam presentes dois médicos, pessoas da família e velhos companheiros de luta. Raymundo Reys, com a voz apenas perceptível, disse-nos:

— A ata da fundação da secção paulista do Partido Comunista do Brasil está entre os meus papéis. Fica para vocês...

No dia seguinte, fechou os olhos para sempre, calmo, tranquilo, sereno, como só morrem os que sacrificaram a existência em benefício dos semelhantes.

Forma e Conteúdo

(Trechos da intervenção de *Auguste Lecoœur* sobre a exposição de *Fougeron* "O país das minas").

(...) Dito isto, abordemos a questão "fundo e forma" já suscitada durante a exposição de *Fougeron* e no curso deste debate.

Dentro do quadro atual, para que ponto devem tender os esforços do artista? Encontramos a resposta no artigo da *Pravda* que citamos ainda há pouco (editorial de 7 de janeiro): *Não é difícil compreender que mesmo o fato de possuir uma excelente técnica de pintura torna-se inútil e sem objetivo se o pintor não possui o principal: sentimentos criadores inspirados na vida, no homei, conteúdo ideológico dos acontecimentos representados.*

Foi partindo desta constatação que os Prêmios da Paz foram atribuídos em Varsóvia; o jornal *Tempos Novos* explica: *Em primeiro lugar, levou-se em conta a importância política da obra, sua influência do ponto de vista da difusão das idéias de Paz. Dito de outro modo, as obras que tiverem a aceitação do povo serão altamente apreciadas.*

E o mesmo jornal esclarece ainda: *Os Prêmios internacionais da Paz são um fato sem precedentes na história. Os partidários da paz apreciam as obras de arte e de cultura não com uma medida estreitamente esteticista, mas avaliando sua importância ideológica, política e moral bem como a sua popularidade.*

Prossigamos no debate sobre o fundo e a forma. Alguns dizem: "o fundo não me é comunicado senão pela forma". Esta apreciação termina por atribuir à forma a parte determinante. Se "é a forma somente que comunica o fundo" então compreende-se que, de bom ou mau grado, a forma passe a ocupar o primeiro plano para o artista.

Pode-se considerar como marxista esta concepção? Absolutamente!

Em uma obra de arte o fundo não se separa jamais da forma; de outro modo, já não se trata de uma obra de arte, mas de má pintura ou de hieroglifos que ninguém entende e que facilitam a tarefa dos críticos burgueses lhes permitindo unificar os gostos com explicações diferentes.

Os jogos do formalismo gratuito e vazio nada têm de comum com a pro-

cura audaciosa de formas novas, com o esforço do artista realista para exprimir mais plenamente, mais profundamente, através de meios sempre aperfeiçoados, um conteúdo novo.

Sobre o problema das relações "fundo e forma", Stalin ensina: *No curso do desenvolvimento, o conteúdo precede a forma, a forma se atraz em relação ao conteúdo.*

(...) Por acaso existe, na Escola de Belas Artes um curso sobre a arte e a maneira de pintar a greve dos mineiros de 1948, ou de exprimir os sofrimentos e as lutas de um proletariado de elite?

Como um tal curso não existe em parte nenhuma, seria bom investigar o que guiou o pincel de *Fougeron*, o que lhe permitiu dar às suas telas um conteúdo ideologicamente elevado. Quando dezenas de pessoas se comovem até as lágrimas diante de *O Pensionista*, é preciso refletir e desconfiar de certos julgamentos profissionais que tomam por base a técnica.

Levando mais longe o análise das relações entre forma e conteúdo, do conflito que guardam em sua própria unidade dialética, Stalin ensina ainda: *Entretanto, esta ou aquela forma, considerando o seu atrazo em relação ao conteúdo, não corresponde jamais a este último, e é assim que o novo conteúdo é "obrigado" a se revestir momentaneamente de uma velha forma, o que provoca um conflito entre eles.*

No que diz respeito à forma, ao desejo e à vontade de atingir a perfeição artística, podemos muito tranquilamente reconfortar os que temem ver-nos esquecer este aspecto: se há dúvida aqui, não é nas fileiras da classe operária. O trabalhador francês é o exemplo do amor ao seu metier, ao trabalho bem feito e bem acabado, que exaltava *Maurice Thorez* em seu histórico apelo de *Waziers*.

(...) Para os artistas, quanto mais seja digno um assunto, mais elevado ideologicamente será o conteúdo que lhe darão, e mais facilmente será encontrada a forma que lhe convem.

Uma prova a mais: todos são unânimes, inclusive os negadores mais encarniçados, em reconhecer que *Fougeron* progrediu em relação a trabalhos anteriores.

Como então *Fougeron* pôde aperfeiçoar os seus meios?

Muito simplesmente, na escola do seu assunto e de suas convicções. É mais uma viva demonstração de que as idéias do comunismo fecundam a criação dos sábios, dos escritores e dos artistas. Era *Langevin* que dizia que a doutrina marxista-leninista lhe permitira ver claramente coisas cujo conhecimento não lhe tinha sido revelado pela ciência desprovida deste método.

Durante anos, *Fougeron* errou nas trevas do formalismo estético; seus progressos, que todos constataam, não foram possíveis senão quando ele voltou sua inspiração para as fontes vivificantes das idéias do comunismo.

É claro que o conteúdo do nosso novo realismo deve ser o reflexo da realidade social em pleno desenvolvimento.

Das greves patrióticas dos mineiros à recusa dos portuários de descarregar material de guerra, à recusa dos ferroviários de transportá-lo, aos atos de *Raymonde Dien* e de *Henri Martin*, ao desenvolvimento do movimento dos partidários da paz em todas as frentes, há um conteúdo, um sentido da história em pleno devenir. A percepção deste conteúdo, desta história e, com ainda maior razão, sua representação, seguirão um mesmo movimento: *preencher o desnível que existe entre o fundo e a forma é função do esforço para apreender este novo que nasce e se desenvolve a cada dia, exprimindo-o na atividade prática.*

Os grandes mestres, disse *Maurice Thorez*, são grandes pelo conteúdo de suas obras. Para este conteúdo eles sempre encontraram a forma que convinha.

A propósito de conteúdo e forma, Stalin nos dá ainda um esclarecimento importante: *Na verdade, diz ele, o conflito existe não entre o conteúdo e a forma em geral, mas entre a VELHA forma e o NOVO conteúdo que busca uma nova forma e tende para ela.*

Julgar o novo conteúdo com o auxílio da velha forma, eis o que não fará jamais a classe operária que é a classe mais revolucionária e mais avançada politicamente.

É o que faz o valor do seu julgamento em relação ao dos críticos profissionais da burguesia.

Eis o que devem ter em conta os artistas e os intelectuais.

Querem calar pela violencia a voz da officialidade democratica

INTEGRA DA CARTA-DENUNCIA ENVIADA À REVISTA "FUNDAMENTOS"
PELO 1.º TENENTE-AVIADOR HILTON BERGMAN — ARDENTE APÊLO À
LUTA PELA LIBERTAÇÃO NACIONAL

O 1.º Tenente-Aviador Hilton Bergman, recentemente preso e brutalmente espancado na base de Belem do Pará, sob acusações caluniosas, que a reação costuma utilizar contra os patriotas, conseguiu, conforme noticiou a imprensa, escapar ao carcere, encontrando-se atualmente foragido. De autoria desse digno oficial da Aeronautica honra-se a nossa revista em haver recebido uma carta, que a seguir reproduzimos:

"Ilmo. Sr. Diretor de "FUNDAMENTOS" — São Paulo — Leitor assiduo de sua revista, tomo a liberdade de lhe dirigir esta carta, solicitando a sua máxima atenção para o assunto porquanto o julgo sobremaneira importante para a nossa pátria.

Sou um oficial das nossas Fôrças Armadas, recebendo, pois, os vencimentos de dinheiro arrecadado do povo sob forma de pesados impostos. Tal como Tiradentes, julgo ser meu dever colocar, acima das vantagens e conveniencias pessoais, o interesse do nosso povo. Penso firmemente que o militar tem por dever precípua a defesa intransigente da soberania nacional, do seu patrimônio e, acima de tudo, a defesa de seus concidadãos, sempre que se vejam ameaçados por monopólios e trustes de potências estrangeiras. Tal acontece hoje com o Brasil que se vê frente a uma invasão catastrófica do capital colonizador americano, ameaçando nossas riquezas minerais e o nosso petroleo. Não contente ainda com o assalto às nossas reservas, querem-nos impor a participação de uma guerra de agressão para conquistar mercados em prol dos incendiarios e forjicadores de guerras e de grandes negociatas.

Evidentemente o povo, e, à sua frente, os elementos progressistas, não podem ficar indiferentes entre as duas correntes que se formam e de cujo embate resultará a colonização ou a independencia economica e política do Brasil. Não existe posição intermediária quando se trata de liberdade ou escravização, de vida ou de morte, de paz ou de guerra, de riqueza ou miseria de nosso povo. Sei também qual a posição frente a êsse panorama nacional que ocupa o illustre jornalista, bem como o órgão sob a sua orientação. Levando ao seu conhecimento mais um fato, estou certo de sua denuncia firme e calorosa, colocando a sua pena a serviço da patria. Sua posição como nacionalista e patriota só pode ser uma e somente uma: a opposição energica e sistematica contra a invasão de capitais colonizadores no Brasil contra a entrega de nossas riquezas e contra a nossa participação numa aventura guerreira a reboque dos interesses dos incendiarios de guerras, senhores dos trustes de Wall Street. Tal posição foi também assumida por mim e estou certo de ser ela a única cabivel com a honra e o

dever de todo cidadão, quer militar quer civil. Acima de profissão, de crença ou de posição social está a pátria e o seu povo.

Entretanto assim não pensam os agentes dos americanos e os seus testas-de-ferro no Brasil. Não possuindo a fôrça dos argumentos, procuram o argumento da fôrça e eis que para silenciarem a minha voz firme e patriótica, lançaram os meus adversários mão de um plano pré-fixado, resultando um Inquerito Policial-Militar onde fui acusado de "incitar à rebelião" e, como era de esperar, foi decretada a minha prisão preventiva.

O resultado seria de me enviar à prisão, ser julgado por homens influenciados e por leis reacionárias como a famigerada "Lei de Segurança". Conhecendo os métodos e processos dos que se dizem defensores da justiça e do direito, mas que na realidade são traidores e vendilhões da pátria, julguei ser meu dever fugir ao cárcere e enfrentar a reação com a arma mais temida e forte: o protesto, a voz patriótica e o esclarecimento. E assim, querendo silenciar a minha voz, êles a elevaram ainda mais alto e ela chegará a todos os recantos do Brasil, conclamando todos os militares à luta pela libertação nacional.

Agora, foragido da justiça da reação, caçado por toda a parte por grupos policiaes armados, vivendo na mais dura clandestinidade, sinto que minha vida corre perigo. Os traidores que me perseguem estão no firme proposito de calar pela violencia a poderosa voz da officialidade democratica, a fim de mais facilmente conseguir seus baixos e infames designios de traição à patria. Tal não conseguirão porque a exemplo dos movimentos populares anteriores, em que nas Fôrças Armadas se levantaram protestos em apoio às campanhas progressistas — hoje também os militares esclarecidos tomarão o caminho da emancipação e da independência de nosso povo e da nossa pátria.

Tenho a certeza que vencerá o patriotismo sobre a reação, a soberania nacional sobre a imposição ao jugo estrangeiro, a paz para a nossa juventude sobre o morticínio numa guerra de agressão — vencerá finalmente o conceito sagrado da patria unida e forte, progressista e independente sobre o servilismo, a colonização e a miséria de nosso povo.

Levando ao seu conhecimento este episódio, tenho a certeza de que suas páginas não silenciarão sobre êle. A difusão da cultura está diretamente ligada à liberdade democratica e um atentado a esta é uma ameaça àquela. Estou convicto que suas páginas estarão abertas assim como estarão abertos os corações de todos os patriotas para as soluções nacionalistas dos problemas da pátria — Saudações

a) Hilton Bergman — 1.º ten.-aviador."

O povo brasileiro deseja

o que foi o III.º congresso brasileiro dos partidários da

Fotografias de RUI



O III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz realizou-se em Niterói, nos dias 10, 11 e 12 de novembro. Cerca de 1.200 delegados representando 18 estados brasileiros compareceram para debater os três pontos do temário. Na sessão preparatória, depois de apresentação de credenciais, da discussão e aprovação do Regimento do Congresso

foram eleitos presidentes de honra o cientista Joliot Curie, a poetisa Gabriela Mistral, o Prof. norte-americano Dubois, o Deputado argelino Buchamá, Monsenhor Costabile Ipólito, de Bagé (R. G. do Sul), o Bispo da Igreja Metodista, Cesar d'Acorso Filho e o Deputado Campos Vergal. Ao mesmo tempo, escolheu-se a mesa que iria presidir aos

trabalhos do Congresso, recaindo essa escolha em diversas personalidades do Distrito Federal e dos Estados.

Sob a presidência do Senador Abel Chermont, deu-se a instalação da mesa diretora do Congresso, sendo as delegações saudadas pelo Dr. Helvécio Monassa, médico e político em Campos, Estado do Rio. Após o discurso do representante das delegações, foi lido pelo Dr. Valério Konder o relatório do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. No domingo as delegações passaram o dia na Praia de Charitas, Saco de São Francisco, onde foi oferecido um churrasco aos congressistas. A noite teve início a primeira sessão plenária, falando em primeiro lugar o escritor paulista Mauro de Alencar que leu o relatório da Cruzada da Paz de São Paulo. Usaram da palavra, ainda nessa noite vários congressistas de diversos estados, tendo-se destacado um camponês cantador do Rio Grande do Sul que dedicou várias quadrinhas ao III Congresso, e o Dr. Marcelino Serrano, de São Paulo, grandemente aplaudido. Nas sessões plenárias de segunda-feira, falaram mais de 60 oradores de todos os estados presentes: os delegados focalizaram os problemas de seus estados e cidades ligando-os à necessidade da luta pela paz. Falaram representantes dos salineiros do Rio Grande do Norte, dos gaúchos e cantadores do Rio Grande do Sul, dos estivadores e pessoal de cabotagem do Distrito Federal, dos cacauzeiros da Bahia, dos revolucionários antivitorinistas do Maranhão, das mulheres de Alagoas, dos trabalhadores em engenhos de açúcar de Pernambuco e muitos outros partidários da paz. Falaram em nome da delegação paulista além do Snr. Mauro de Alencar e do Dr. Marcelino Serrano, o operário de construção civil Orlando Poleti, o camponês Sebastião Dinart, a tecelã Maria Coraza, o metalúrgico Domingos Fontela, o portuário Luís Ferreira Lima, o jovem operário Constantino Stoianov, o menino Lourival Zivia-



...ja a PAZ

S da paz em Niteroi

de RUI SANTOS

ni, o líder espírita Manoel Cristofoleti e o escritor Abguar Bastos. A contribuição teórica da delegação paulista foi de cunho essencialmente operário, tendo seus delegados levado ao conhecimento das outras delegações dados sobre o trabalho da paz no Estado de São Paulo. Nessa mesma ocasião, foram feitas denúncias de preparação de guerra por parte de certas empresas: a General Motors está montando tanques, a Laminação Nacional de Metais outras fábricas industrializam até plasma sanguíneo para ser utilizado na guerra; algumas tecelagens passaram a fabricar tecidos para uniformes militares.

A delegação paulista apresentou ao Congresso 10 moções, 12 teses, além de grande número de saudações. Participaram da mesa diretora, por São Paulo, os Snrs. Abguar Bastos, Manoel Messias de Oliveira, Henrique Sória e Jacó Miranda. Entraram na composição das Comissões de Teses os Snrs. Abguar Bastos, Nelson Gouveia, Agileu Gonçalves, Jacó Miranda, Henrique Sória, Manuel Messias de Oliveira, Enio Sandoval Peixoto, Délio Miranda, Luciano Lepera, D. Elza Pires de Campos, Mauro de Alencar, João Taibo Cadorniga e Flávio de Morais. O trabalho das Comissões de Teses prolongou-se durante toda a segunda-feira: organizadas as três comissões com 57 membros, passou-se ao estudo do grande número de teses e moções apresentadas. Afinal, foram reunidas as conclusões de cada uma das Comissões e lidas em plenário para discussão e aprovação. As conclusões e resoluções do III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, aprovadas entusiasticamente pelos congressistas são uma síntese dos anseios de paz de nosso povo, da necessidade de utilização pacífica de nossos minerais atômicos, da necessidade de aplicação pacífica das verbas de nossos orçamentos com redução das despesas militares, contra o envio de tropas brasileiras para fora de nosso



território, contra a militarização de nossa economia, pelo estabelecimento de relações comerciais e culturais com todos os povos do mundo e muitas outras proposições de interesse nacional. A sessão de encerramento decorreu no meio de grande alegria e entusiasmo. Presentes várias personalidades como o General Felicissimo Cardoso, o escritor Graciliano Ramos, o vereador Bonclino Bucheli, presidente da Câmara Municipal de Pôrto Alegre, o juiz Irineu Jófili, a partidária da paz Elisa Branco e inúmeras outras personalidades do Distrito Federal e de outros estados, fêz-se a entrega dos diplomas aos coletores de assinaturas campeões, presentes. Finalizando, falou o presidente da Câmara Municipal de Pôrto Alegre que analisou os brilhantes resultados obtidos pelo III Congresso da Paz. Mais de 4.000 pessoas compri-

miam-se no Salão do Cassino Icaraí. Os vivas sucediam-se sem cessar. Assim encerava-se o III Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz. Constituiu-se uma definição do povo brasileiro contra a guerra. Dois milhões e seiscentas mil assinaturas tinham sido colhidas no Apêlo da Paz. A quota até o Congresso fôra coberta. As delegações tinham-se comprometido nos discursos a cobrirem imediatamente o restante da quota nacional e a organizar de maneira mais profunda a campanha do Apêlo Por Um Pacto de Paz. Alegres, os delegados, cantaram o Hino Nacional: baianos bem escuros, cearenses de olhos azuis e traços de índio, goianos morenos, cariocas de tipo português, paulistas de pele clara e fala italianada e gaúchos alcirados, todos reunidos vibraram com a grande vitória dos partidários da paz do Brasil.



VENCER O MEDO

A representação da inelutabilidade das dores que, durante séculos, se formou no psiquismo feminino, criou um sistema de reflexos condicionados. A crença na dor, multiplica as impressões desagradáveis, esgota a mulher, exacerba sua sensibilidade. Para libertar a futura mãe deste medo, é preciso influenciar o sistema nervoso, agir sobre o córtex cerebral. O córtex cerebral é o grande regulador de todos os processos do organismo; a ele, cabe enviar sinais para normalizar e acelerar o parto.

A palavra é o poderoso «excitador condicional» chamado a influenciar o córtex, a frear, a apagar os velhos reflexos condicionados, a minorar o estado de excitação da região subcorporal e assim, diminuir as dores. Eis porque são necessários cursos de preparação para os partos.

São os próprios médicos que acompanham as futuras mães desde os primeiros dias da gravidez que lhes dão os cursos e as assistem no parto.

O médico começa as consultas explicando que o parto normal não pode e não deve ser acompanhado de dores. Depois explica o que é o nascimento, suas etapas, o que são as caimbras, como impedir as dores fazendo massagens leves sobre o ventre, friccionando com os dedos a região das raízes nervosas dos rins e regularizando a respiração. As futuras mães acham-se no estado de «inibição de sono» e seu psiquismo é particularmente receptivo. Por isso as palavras do médico gravam-se fortemente em seu cérebro. Elas adquirem a certeza que o parto não é uma coisa dolorosa. O medo, a ansiedade desaparecem. Chegam à maternidade muito calmas, convencidas de que tudo se passará às mil maravilhas. E é o que acontece, afinal.



O parto sem dor

DORA BELENKAIA

Pelos vidros imaculados da maternidade do Kolkhoz, vêm-se flutuar os ramos dos alamos e balançarem-se ao vento cachos opulentos de acácias em flôr. No quarto, reina o conforto, o silêncio e a calma. Sobre o leito, coberta levemente, está deitada uma jovem que brinca com um lenço de tons brilhantes. Sob as belas côres de sua pele, dourada de sol, expressão de saúde, mal se notam as manchas de sardas, sinais precursores de parto iminente. Com um olhar claro e alegre, ela fixa intensamente a parteira.

Alexandra Délianik, a parteira kolkoziana, senta-se por um momento. A grande paz que reina no quarto, parece emanar de sua pessoa, afável, pequena, de movimentos graciosos. Em seus lábios, o doce falar ucraniano soa mais melodioso ainda. Alexandra relembra as alegrias da maternidade. Depois diz:

— Então, Dussenka, acabamos as lições. Quando sentir as caimbras, venha ver-me. E dará à luz rapidamente e muito bem... Você constatou que aqui não se ouve um ai. Antigamente tudo era diferente. Hoje a ciência conseguiu o parto sem dores...

O nascimento não deve custar mais sofrimentos à mãe! É o que afirmam os experimentadores do «método psicoprofilático do parto sem dor».

Este método é muito novo ainda. Mas já se pode avaliar suas vantagens. Ele se impõe não somente pelo valor psicológico, pela eficácia, pelo caráter universal, mas também por ser uma idéia otimista. É otimista porque não se propõe tratar as dores do parto mas eliminá-las, porque não se baseia na ação de um remédio, mas sim na profunda fé na eficácia da metamorfose da consciência humana.

Como toda descoberta científica, o método tem sua própria e longa história. Há 28 anos, por ocasião do segundo congresso russo de psiquiatria e neuropatologia, um jovem médico de Karkov, Iliá Velvovski, apresentou com seu mestre, o Professor Constantino Platonov, um estudo sobre anestesia por sugestão hipnótica na obstetria, na cirurgia e na estomatologia.

O mestre tinha experiência e reno-

me. Seu discípulo, nem um nem outro; mas era entusiasmado e ardente.

O auditório acolheu o estudo com reservas. Entretanto alguns concordaram que a hipnose, à medida que é, segundo Pavlov, uma inibição de defesas, pode «fazer esquecer» as dores do parto. Isto foi o suficiente para dar asas a Velvovski. Trabalhou duramente, esforçando-se para convencer todo o mundo, todos os que encontrava, com inúmeras demonstrações colhidas em sessões de sugestão. Este fanatismo pela hipnose, tomou-lhe muitos anos e muita energia, tudo porém, em vão.

— São os conservadores! diziam-lhes os amigos à guisa de consolação.

Velvovski insistia, refletia. Uma antiga imagem, representa simbolicamente o pensamento como uma serpente que morde a própria cauda. Foi pouco mais ou menos um movimento como este, de negação de si mesmo que recompôs o pensamento de Velvovski. Um belo dia procurou o Professor Platonov e disse:

— Nós tomamos um caminho errado. Os métodos de sugestão hipnótica são bons para curar doenças; ora, o parto não é uma doença. É preciso criar um método inteiramente novo.

O Professor concordou. Velvovski começou então a estudar a fundo os textos de Pavlov. Procurava uma resposta para a questão: que são então, as dores do parto?

«Pode nos parecer que numerosas funções... são completamente independentes da influência dos grandes hemisférios cerebrais e na realidade não é o que acontece. Este setor superior exerce uma ação diretora sobre todos os fenômenos corporais»,

escreveu Pavlov. Estas palavras tinham sem dúvida uma relação direta com o parto. Mas como, mais precisamente, se manifesta a influência do córtex cerebral?

Velvovski tinha felizmente uma especialidade, a psiconeurologia, que lhe foi de grande valor. Por isso viu sob uma luz nova aquilo que os parteiros observavam há tanto tempo, sem atri-

bulir qualquer importância: o comportamento das mulheres durante o parto.

Porque uma pequena concavidade do colchão nos sugere no sono a impressão de uma queda rápida? Por que é precisamente à noite, quando as dores se tornam mais intensas, que os partos começam? Não será porque, durante a inibição do córtex cerebral devida ao sono, as excitações, mesmo as mais tênues, conseguem atingir o terreno das sensações e são sentidas tão fortemente? Sem dúvida, qualquer coisa análoga a isso é o que se passa durante o parto.

Mas a inibição não é a única responsável. Há ainda uma força que age poderosamente sobre o córtex cerebral; esta força é a palavra. O que lhe disseram? O que sabe a mulher, sobre o parto? Uma coisa somente: que é uma tortura terrível, uma dor fatal, que nada pode acalmar.

É preciso ser um historiador para explicar como esta noção se formou. Sem dúvida foi há muito tempo, no passado, nos tempos mais remotos, quando a mulher tornando-se mãe muito jovem, só podia sofrer mesmo. Conservada pela memória e transmitida de geração em geração, esta noção do parto doloroso foi confirmada pela superstição, pela religião, as tradições e os livros. Pode-se esquecer a fisionomia da camponesa de Orel, da narrativa de Górkí «Nascimento de um homem»? Esta fisionomia «medonha... desumana, olhos de animal torturado injetados de sangue», ou então, «os gemidos penosos, cheios de uma impotência animal», de Lisa Bolkonskaia, em «Guerra e paz»?

Na consciência da mulher, o parto se acha intimamente associado a imagens de dor. A mulher se prepara para afrontá-las e sofre à espera que elas comecem. E as dores aparecem. Nos partos normais, a dor está ligada ao estado do sistema nervoso. Pode-se também suprimi-la reformando as noções da mulher sobre o parto.

Esta era a hipótese de Velovski. Somente a experiência podia negá-la ou confirmá-la. Por essa razão decidiu abrir uma secção de partos no seu hospital de psiconeurologia do Ministério de Vias e Comunicações.

Em nenhum outro estabelecimento especializado, sem nenhuma ligação com a obstetrícia, tal idéia teria vingado. Mas o hospital de Velovski tem seu estilo próprio, suas tradições. Lá se estudam na prática, novos mé-

todos. O coletivo inteiro toma-se de entusiasmo e cria sem cessar. Toda idéia nova é bem acolhida. Eis porque ninguém achou muito audaciosa a sugestão feita pelo diretor.

Dois parteiros experimentados, V. Plotitche e E. Chugome, ajudaram Velovski. Ambos tinham boas razões para inspirar confiança ao neurologo e se inflamarem com o seu ardor. Plotitche trabalhou muito tempo no domínio do ensino sanitário; aprendeu a força da palavra. Chugome especializou-se em neurocirurgia durante os anos da guerra e podia avaliar mais precisamente que muitos de seus colegas a poderosa influência do sistema nervoso nas manifestações do organismo humano.

Mas quantas dificuldades os três sábios tiveram de transpor! Os alegres, faziam anedotas; os prudentes esperavam, num silêncio muito expressivo; e os céticos sorriam irônica-mente. Enfim chega o dia em que a maternidade recebe a primeira parturiente. Nem os parentes mais próximos ficaram tão emocionados como os três médicos. Eles eram só olhos, só ouvidos, examinando sem cessar o estado geral dela, espreitando o menor de seus suspiros. E o parto se deu sem um gemido.

Depois, sem dor, sem a mais leve queixa, uma segunda mulher deu à luz, depois a décima, e a centésima. Elas nada mais sentiam além de sensações desagradáveis, algumas vezes uma caimbra muito longe, muito limitada, completamente suportável. No intervalo entre as contrações, conversavam com o pessoal ou liam. Durante o parto, uma das mulheres, a Professora K. Tetiuskina Guerassimova, marcou com a unha, no livro «Alitet vai às montanhas», a página que relata os dolorosos partos de Tigrena e anotou na margem:

«Hoje não se dá à luz dessa maneira».

Assim uma mãe ao dar a luz, consagrava com sua própria mão o sucesso do novo método de parto sem dor.

Na época de fanatismo pela sugestão hipnótica, Velovski procurava aliados e não achava. Agora eles não faltavam.

O primeiro foi o dirigente do serviço de Saúde Pública da região de Krasnograd, Sérgio Bulani. Homem resolutivo e ardente, percebeu rapidamente a superioridade do novo método e decidiu adotá-lo nas maternidades de vilas. Voltando de Karkov, fez um

relato tão entusiasta que o parteiro A. Massalov decidiu ele também fazer a viagem para ver «in loco». Massalov também, voltou de Karkov partidário convencido do método psicofilático de parto sem dor que aplicou imediatamente no Hospital Regional, com um sucesso completo.

Alguns meses mais tarde, as partelras nas maternidades de Kolkozoes foram convocadas a Krasnodar para receberem do próprio Massalov os primeiros ensinamentos. Foi então que Alexandra Demianik se familiarizou com «o meio mais seguro» de anestésiar.

Depois disso o método tem sido empregado cada vez mais largamente. E recentemente, o Ministério da Saúde Pública promulgou o decreto n.º 142 que torna obrigatório o uso deste método em todas as maternidades da União Soviética.

Talvez seja necessário ainda melhorá-lo, aprofundá-lo, corrigi-lo; mas o futuro lhe pertence.

Enquanto nos países capitalistas o parto sem dor só é raramente praticado por alguns médicos isolados, em clientes ricos — como impõe o regime — na União Soviética a generalização do método e sua aplicação em larga escala, a todas as futuras mães, chamam toda a atenção para o novo decreto que mostra, uma vez mais, a profunda solicitude do Estado Socialista pela pessoa humana.

Suprimir a dor, criar o bem-estar material!

Operária ou kolkoziana, a mulher soviética pode dar a luz sem interromper o sorriso.

Leia e Assine

Fundamentos

Revista de cultura moderna,

a serviço da democracia
e do progresso

1 ANO — CR\$ 50,00

Rua Barão de Itapetininga, 275

9.º Andar — Sala 96

SÃO PAULO

BRASIL

PERDEU O POVO A ESPERANÇA NAS SOLUÇÕES ELEITORAIS

DE 750 MIL ELEITORES VOTARAM APENAS 370.918, NA CAPITAL — A FORMAÇÃO DAS ALIANÇAS PELA PAZ E CONTRA A CARESTIA, UM ACONTECIMENTO DE GRANDE IMPORTANCIA POLÍTICA — ATUAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA — DESFILE DE MARAFONAS E DERROTA DO QUEREMISMO

Texto de RAUL AZEDO NETTO
FOTOS DE MANOEL VITAL e
WALTER FREITAS

As eleições municipais foram o grande acontecimento político do ano, aqui em São Paulo. O teste revelou que a maioria da população não acredita mais que as eleições possam solucionar os seus angustiosos e crescentes problemas. De 750 mil eleitores inscritos, apenas 370.918 votaram, aqui na Capital. Menos, portanto, de 50% do corpo eleitoral. No Interior a abstenção foi menor, oscilando entre 20 a 50 por cento.

No atual regime as eleições não passam de uma farsa, organizada sob a capa da igualdade política burguesa e que visa legalizar a ditadura de classe. A falta do «referendum» popular haveria de provocar, como provocou, a mais viva repercussão no campo feudal-burguês. O «Jornal de Notícias», porta-voz do grupo Jafet, perguntou aflito, no dia seguinte às eleições:

«Decepção? Desilusão? Falta de preparo cívico? Ausência de espírito de combate e disputa?» O próprio jornal confessa que não sabia a que atribuir a espetacular abstenção.

O «Diário de São Paulo», da cadeia dos «Diários Mancomunados», responsabiliza o povo, que não quis exercer o seu dever... Mais adiante, todavia, o «Diário» acentua: «O azedume popular, a desesperança, o desânimo, contribuíram para que o eleitor deixasse o pleito correr à sua sorte. Como indício, suscita apreensões e estas devem ser ponderadas, a fim de que não culminem em realidades perigosas».

Para o «Estado de São Paulo» o povo também é o culpado. «A indiferença — diz o «Estadão» — pelo pleito assumiu, então, o caráter de um verdadeiro suicídio». E continua a ripar o eleitorado, que recusou votar maciçamente nos partidos oficiais. Finalmente, o jornal do sr. Julinho Mesquita desabafa a sua «paúra»: — «E' provável também que, mais dia menos dias nos vejamos sob a direção política e administrativa do Partido Comunista do Brasil, que é um partido que sabe cumprir os seus deveres e não ignora que entre esses deveres, figura, em lugar distinto, o de comparecer às urnas, sempre que é chamado a exercer o direito de voto».

Foi assim que a «sadia» interpretou o repúdio do povo à comédia eleitoral.

FRENTE-ÚNICA DEMOCRÁTICA

A novidade do pleito, que lhe imprimiu um caráter novo, o de luta contra a guerra, a colonização imperialista e pelas reivindicações das grandes massas, foi a formação da Aliança Autonomista pela Paz e Contra a Carestia, na Capital do Estado. A Aliança

é uma organização que congrega personalidades pertencentes aos mais diversos partidos políticos, tôdas unidas em torno de um programa comum. O seu manifesto foi assinado, entre outros, pelos Srs. Vereadores André Nunes Júnior (PTB), presidente da Câ-





CÊRCA DE 8 A 10 MIL PESSOAS COMPARECERAM AO COMÍCIO DE ENCERRAMENTO DA CAMPANHA ELEITORAL DA ALIANÇA PELA PAZ E CONTRA A CARESTIA, EM SOROCABA

mara Municipal, José Cyrillo (PSD), José de Moura (PR), Francisco Peres (PTN), Cunha Mattos (PSP), Ottobri Costa (PSD), pelo sr. Milton Marcundes (UDN), presidente do Sindicato dos Bancários, Joaquim Ferreira (PDC), presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Manoel Messias de Oliveira (PSB), líder espírita, Ramiro Luchesi, (PCB) dirigente da U. T. G.),

Paulo Ferreira Campanhã (PSD), farmacêutico, etc.

Essa Aliança foi também organizada em dezenas de municípios, variando o nome, mas conservando sempre o objetivo fundamental: — a luta pela paz e pela melhoria imediata das condições de vida do povo e pelas reivindicações proletárias.

POSIÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA

O Partido Comunista do Brasil, através do seu Comitê Estadual em São Paulo, às vésperas do pleito, lançou um manifesto, no qual afirma textualmente: — «Estas eleições se realizam sob um regime em marcha para o fascismo e nas condições da mais completa falta de liberdade, com a prisão e a cassação do registro de inúmeros candidatos do povo, os comícios eleitorais proibidos ou dissolvidos a pata de cavalo, os partidários da paz e os grevistas presos e perseguidos, e o grande líder do povo LUIS CARLOS PRESTES processado e ameaçado de

prisão. Com estas eleições os homens das classes dominantes visam enganar o povo, dando ao pleito eleitoral uma aparência democrática, mas é, na realidade, num clima de terror, com o registro do glorioso Partido Comunista do Brasil ilegalmente cassado, que eles pretendem se eleger para poder prosseguir na sua política de preparação guerreira e esfomeamento das massas».

Após essa denúncia, o PCB deu o seu apoio à Aliança, recomendando-a ao povo e determinando aos seus militantes a maior soma de esforços pela sua vitória.

PRISÕES, ESPANCAMENTOS E SAQUES

Não foi uma campanha eleitoral fácil. A Aliança, tendo por bandeira tudo aquilo que até então era considerado subversivo — a paz — e encarnando as reivindicações mais imediatas da classe operária e das grandes camadas da população, foi duramente perseguida. Seus comícios foram proibidos. No largo do Belém, logo no início da sua propaganda, um meeting, marcado foi violentamente impedido, com a ocupação do logradouro por fortes contingentes da polícia. Nessa ocasião homens, mulheres e crianças foram vi-

timas de uma estúpida carga de cavalaria, desfechada pelo pelotão de choque da Força Pública. Cerca de quinze operários foram presos, inclusive uma senhora. Na Lapa, o núcleo da Aliança, foi cercado pela polícia durante mais de 8 horas. Tentavam os policiais arrombar a porta, o que não puderam realizar em virtude da enérgica resistência oposta pelos bravos aliancistas. Contra os cabos eleitorais e propagandistas da Aliança Autonomista a repressão foi selvagem. A colagem de cartazes e distribuição de cédulas, ta-

refas normais, inerentes às eleições, foram transformadas em atos de heroísmo. Todos aqueles que a polícia encontrou nas ruas, pregando cartazes da Aliança, foram presos e levados para o DOPS. Na última semana da campanha eleitoral uma passeata de candidatos aliancistas e de candidatos de Prestes foi dissolvida, pelos tiras e soldados do Pelotão de Choque, em plena praça Clovis Bevilacqua, tendo sido presas diversas pessoas, entre as quais os candidatos Floriano Dezen e Dante Pellacani. Ainda nesta última semana as edições do jornal HOJE foram sistematicamente apreendidas, tão logo chegavam às bancas.

Quando o dia 13 amanheceu, as violências policiais não cessaram, apesar das categóricas imunidades asseguradas pela Constituição e o Código Eleitoral. Dezenas de mesinhas distribuidoras de cédulas foram arrebatadas pelos beaguins. Os distribuidores foram espancados e alguns presos. Na Moóca dois escritórios eleitorais foram assaltados e saqueados pela polícia. O Tribunal Regional Eleitoral, cientificado dos atentados, não fez mais do que registrar os protestos. Mais tarde, em entrevistas à «sadia», o Sr. Alcides Ferrari louvou a «ordem e tranquilidade reinantes» durante o pleito...

Em Santo André o terror fascista foi maior. Quatro candidatos, entre os quais uma mulher, Bruna Mazzo Fernandes, encarcerados e processados pela odiosa Lei de Segurança. O próprio candidato a prefeito da Aliança Renovadora de Santo André, médico Antônio Refinetti presidente do diretório do PSD também esteve preso. Somente devido aos protestos e à manifesta ilegalidade da sua prisão, é que foram postos em liberdade, através de medida judicial.

CHICANAS JURÍDICAS

No terreno jurídico as chicanas, as violências foram de todos os matizes. O governo aplicou o regime do «vale tudo». Quatro dos candidatos de Prestes em Santo André tiveram seus registros cassados. Contudo, efetuadas as eleições, dois deles foram eleitos pelo proletariado local. Em Sorocaba, todos os candidatos de Prestes tiveram seus registros cancelados, com 48 horas de antecedência do pleito. O povo de Sorocaba respondeu a esse golpe baixo elegendo para prefeito e vice-prefeito justamente aos Srs. Emerenciano Prestes de Barros e José Louzano, candidatos da Aliança pela Paz local. Aliás, foi em Sorocaba que a força do PCB se fez sentir com todo o seu vigor. A campanha ali foi encerrada com um comício ao qual compareceram de 8 a 10 mil pessoas. De instantes a instante «vivas ao PCB e a Prestes» interrompiam os oradores.

NA RUA O PCB

Além da formação da Aliança pela Paz e contra a Carestia, em cidades como Santos, Barretos, Sorocaba, Mogi Marília, Taubaté, São Paulo, Santo André, etc., as eleições de outubro contaram com a participação aberta do Partido Comunista. Seus militantes foram a espinha dorsal das Alianças.

Embora possuindo um programa revolucionário os comunistas emprestaram o seu apoio à Aliança adotando a tática de frente única com todos aqueles que se dispuseram e se dispõem a defender os manifestos aliançistas.

Nas ruas, nas portas das fábricas, nos balões de bondes, nas filas de ônibus, os candidatos de Prestes e os militantes comunistas denunciaram o caráter do governo do Sr. Vargas e explicaram ao povo por que motivo o Partido Comunista concorria às eleições, embora com a legenda cassada e com dezenas de mandatos legislativos anteriormente roubados. Deste modo, conseguiram os comunistas quebrar a apatia com que o povo acolheu a realização das eleições municipais.

RESULTADOS ELEITORAIS

Os resultados finais do pleito, em São Paulo, por legendas, foram os seguintes:

PSP	90.149
PTB	45.136
UDN	36.897
PDC	35.563
PSD	25.919
PTN	22.228
PR	21.441
PST	18.564
PRT	16.728
PSB	14.800
PRP	13.427

A votação recebida pelos candidatos da Aliança Autonomista é a seguinte:

José de Moura — 978 votos; Walter Calvino — 23; Manoel Messias de Oliveira — 229; Jacob Miranda — 87; Ramiro Luchesi — 3.037; Floriano Francisco Dezen — 1.375; Paulo Ferreira Campanhã — 1.146; Mario Otobri Costa — 635; José Cyrillo — 552; Aldo Lins e Silva — 435; Antonio Angelo Abatayguara — 337; Esmeraldo Vieira Malagueta — 280; Nicanor de Castro — 134; Cunha Mattos — 1.708; William Danelle — 334; José Vitor Danelio — 174; — Antonio dos Santos — 130; Abilio Martins da Costa — 1.354; Dante Pellacani — 1.323; José Pinto — 949; Francisco Peres — 186; André Nunes Junior — 3.346; Roberto Pignatari — 1.273; Plinio Rolim de Moura — 752 e Milton Pereira Marcondes — 1.953.



POPULARES PROCURAM ESCAPAR A POLÍCIA NO PARQUE D. PEDRO II

VEREADORES DE PRESTES

Dos cinco candidatos de Prestes quatro foram eleitos. São eles Ramiro Lucchesi, ferroviário; Francisco Floriano Dezen, operário da C. M. T. C.; Abilio Martins da Costa, operário municipal, e Dante Pellacani, gráfico. O quinto, o sapateiro, José Pinto, é o primeiro suplente na legenda do PTN. Da Aliança, não comunistas, foram eleitos os srs. André Nunes Júnior e Milton Marcondes.



MESINHAS ARREBENTADAS PELA POLÍCIA, NO LARGO DA CONCÓRDIA, QUANDO ERAM EXAMINADAS PELO REPORTER

DERROTADO O GOVERNO

Outro fato significativo constatado a 13 de outubro, foi o desprestígio, o desmascaramento cada vez maior do governo, tanto o de Adhemar-Garcez como o de Getúlio.

Vargas, em particular, perdeu muito. O slogan lançado pelo PTB — «Ajude Getúlio a ajudar você, votando no PTB», foi aproveitado pelo povo numa paródia bem sugestiva... A própria abstenção foi uma resposta aos apelos do quererismo. Mas o número de votos demonstrou também o baixo grau de interesse que ainda resta entre os trabalhadores pelas promessas do demagogo do Catete. Recebeu o PTB, nesta Capital, apenas 45.136 votos — o que não é nada. Em seu poder estava o IAPI, o IAPC, a Delegacia do Trabalho, o Banco do Brasil, todo o poderoso aparelho de pressão e corrupção do governo federal. Nem assim o PTB conseguiu ultrapassar a casa dos 47 mil votos.

Ademar, por sua vez, lançou a legenda do «Prá São Paulo não parar,

vote nos candidatos de Ademar» — slogan que o povo transformou em «Prá S. Paulo não parar, vote contra Ademar...» As estações de rádio gritavam a frase ademarista noite e dia, Os jornais a publicavam em todas as suas edições. Porém, foi inútil. O comício de encerramento da campanha do PSP, no Anhangabau, contou apenas com a presença da polícia e dos candidatos, das famílias dos candidatos e dos seus cabos eleitorais. E o «Bandeirante da Nova Geração» teve que falar a uma assistência onde não havia nem três mil pessoas. O próprio desfile de marafonas, empesado pelo PSP, não foi capaz de arrebanhar espectadores para o «schow» do Anhangabau. O resultado desse desprezo popular foi também a baixa votação do PSP, partido do governo estadual, controlador de todos os meios de coação. Foram 90.149 votos, menos do que a votação obtida pelo Deputado comunista Pedro Pomar, em 1947. Nessas condições, o PSP perdeu a maioria que possuía na Câmara Municipal.

POLITICA DE GUERRA

e baixos salários

RIVADAVIA MENDONÇA

A posição do governo do Sr. Getúlio Vargas diante do problema da fixação dos novos níveis de salário mínimo para os trabalhadores brasileiros, vale como uma definição clara da verdadeira política getulista, posta em prática nestes dez meses de sua ascensão à presidência da República. Getúlio prometeu ao povo e aos trabalhadores medidas imediatas e concretas para aliviar as duras dificuldades de vida que todos os brasileiros enfrentam. Para obter votos nas eleições presidenciais apontou a todos um plano completo de realizações, desde as reformas no campo visando suprimir os latifúndios e a exploração desumana do trabalho dos camponeses, até as medidas imediatas para a redução dos preços das utilidades e dos gêneros de primeira necessidade e para a elevação substancial dos salários que deviam atingir os níveis adequados em relação aos preços impostos pela carestia de vida, com promessas de melhorar e ampliar os precários e inúteis serviços de assistência ao trabalhador, até agora atolados na ruínosa burocracia e nas escandalosas negociatas dos institutos de aposentadoria.

Foi colocada no centro dessas promessas vistosas da fase eleitoral a solução da importante reivindicação do salário mínimo dos trabalhadores, que vinha sendo protelada desde 1943, quando a elevação do custo de vida já revelava a absurda disparidade entre os níveis iniciais de salários e os preços dos bens e utilidades de obrigatória necessidade à vida. Em 1943, como em todos os anos anteriores, a questão do salário mínimo foi sempre o ponto sensível da reação e houve tempo em que o próprio governo de Getúlio considerava a luta pela a fixação dos níveis de salário mínimo como perigosa bandeira de luta subversiva que devia ser extirpada pela violência, pelo sangue e pela prisão. Muita gente ainda está lembrada do que foi a campanha empreendida pelos diversos sindicatos paulistas, congregados dentro da Coligação Proletária, aí por volta de 1934-1935, para debater e conquistar o salário mínimo para os trabalhadores brasileiros. Nessa ocasião o governo federal de Getúlio e o governo estadual de Armando Sales afogaram os sindicatos na mais bárbara onda de repressão policial, prendendo, espancando e flagelando os melhores líderes da classe operária, pelo simples fato de abrirem o debate de um problema normal e fundamental, que os homens do poder classificavam de «perigosa tentativa de subversão da ordem constituída.»

Muitos anos depois, já em pleno regime estado-novista, depois de muito manobrar com as necessidades dos trabalhadores, Getúlio Vargas apareceu com o seu complicado aparelhamento de estudo e fixação de salários mínimos regionais, com comissões paritárias para um funcionamento impraticável, tudo dentro de regulamentos extensos e especiosos, visando na prática tornar a solução do problema uma escamoteação nas mãos dos pelegos e dos dirigentes ministerialistas, todos eles submissos aos ferozes interesses patronais que sempre impuseram salários de fome, para a grande exploração do trabalho e os grandes lucros.

E a primeira experiência governamental de fixação do salário mínimo, já em plena guerra, constituiu mais um escárnio em face das necessidades dos trabalhadores, porque Getúlio fixava então o salário de 260 a 280 cruzeiros para as zonas mais desenvolvidas do país (São Paulo e Rio),

quando é certo que em 1934 o salário mínimo pleiteado pelos trabalhadores era de pelo menos 500 cruzeiros mensais. E assim, em 1943, quando a espiral dos preços atingia altos índices, o governo de Getúlio abandonava o salário mínimo dos trabalhadores nos limites irrisórios de 360 cruzeiros, impondo ainda por cima disto o congelamento geral de salários, com mobilização do trabalho para a guerra, sujeitando os trabalhadores aos conselhos militares para abertura de processos criminais pelas menores faltas. Só mesmo o enorme aparelhamento policial infiltrado em tôdas as empresas, com todo o seu clima de terror é que conseguiu então a todo custo manter uma relativa submissão a essa política oficial de exploração das condições de guerra, para melhor ajudar os magnatas nacionais e estrangeiros a sugar o povo e os trabalhadores brasileiros nos bilhões de lucros extraordinários que deram essa impressionante euforia de riquezas aos senhores da indústria, do comércio, do latifúndio e do câmbio negro, enquanto o povo continuava mergulhado na crescente miséria, na fome crônica e no pior dos sofrimentos.

Veio o fim da guerra e então não era mais o conflito mundial que servia de pretexto para essa criminosa política de esfomeação do povo e dos trabalhadores. Era apontada a necessidade de reaparelhamento das indústrias, dos parques manufatureiros, das vias de comunicação que se desgastaram ao máximo durante o período das hostilidades. Com isto os trabalhadores foram sendo compelidos a apertar ainda mais a cinta na barriga vazia.

A política do governo federal no campo dos salários dos trabalhadores pode então ser assim colocada: no período de pré-guerra, era a marcha para o fascismo que levou ao Estado Novo e que por isto mesmo consistia em escravização dos trabalhadores aos interesses de enriquecimento dos magnatas, submetendo aqueles a um baixo nível de vida. Com a guerra era o pretexto da necessidade de um esforço nacional, com sacrifícios das mais amplas camadas da população, o que redundou somente em oportunidade mais adequada para a exploração, o câmbio-negro e as roubalheiras que fizeram uma minoria de privilegiados formar fortunas de verdadeiros barões medievais.

Depois da guerra, pouco durou a política de entendimento entre as nações que haviam derrotado os agressores nazi-fascistas, porque os imperialistas anglo-americanos se voltaram febrilmente a uma nova política de guerra, procurando barrar o progresso pacífico dos povos que liquidaram a exploração capitalista e instauraram uma verdadeira democracia de construção do bem-estar das populações, como acontece na União Soviética e nas Democracias Populares.

Getúlio Vargas, que prometera antes da sua eleição um mundo de medidas em benefício do povo, ao assumir o poder não fez outra coisa senão seguir e aprofundar a orientação calamitosa de seu antecessor, ligando-se por todos os meios aos planos de preparação de uma nova guerra de agressão que o imperialismo norte-americano vem executando, com o intuito de levar a efeito novas e mais extensas agressões aos povos pacíficos.

Nessa adesão à política de guerra de Washington, comprometeu-se o governo de Vargas a fornecer matérias primas em grandes quantidades e a preços irrisórios, o que vai

obrigando os trabalhadores brasileiros a um esforço enorme o subordinando a economia nacional a um esquema de produção de guerra que agrava ainda mais as dificuldades do povo. Coroando todo este quadro, Getúlio faz aprovar monstruosos orçamentos fiscais em que se consignam verbas de mais de uma dezena de bilhões de cruzeiros para tropas e armamentos, com que procura satisfazer os compromissos de ajuda militar aos agressores imperialistas.

Tudo isto constitui o arcabouço da política de guerra do governo que abandonou qualquer esforço para dar ao nosso povo um progresso voltado para a paz e o bem-estar, preferindo submeter o país a uma prova duríssima de drenagem de todas as suas reservas e suas forças para aplicar em engenhos de destruição e agressão, em finalidades estéreis em benefício dos interesses imperialistas dos norte-americanos.

Com isto, o povo brasileiro está sendo levado à dura prova de passar por maiores sofrimentos e privações, para suportar toda a carga das consequências que essa criminosa e delirante política de guerra vem acarretando.

Subindo o custo de vida tão vertiginosamente como está acontecendo, por culpa direta dessa política governamental ligada à preparação de guerra, o que por si só já é um encargo insuportável para o povo, vai o Sr. Getúlio Vargas lançando as bases fundamentais dessa orientação econômica guerreira, com o represamento dos salários dos trabalhadores, procurando por todos os meios e artificios, especialmente pela violência, impedir que os trabalhadores consigam aumento de salários, nas suas amplas e crescentes campanhas por melhoria de remuneração, que já estão entrando em fases mais altas, com as greves que surgem todos os dias.

Devido a essa situação é que os planos governamentais para a fixação de novos níveis de salário mínimo não passam de odioso embuste getulista que vem sendo engendrado há meses, com manobras ministeriais que não enganam mais ninguém. O salário mínimo que vem sendo anunciado, mesmo com as possíveis correções pessoais do Sr. Getúlio Vargas, com sentido nitidamente demagógico, é a confirmação dessa política de guerra que visa a agressão em escala internacional e o esfomeamento do povo em escala nacional, ao mesmo tempo que abre novas oportunidades para maior enriquecimento da camarilha de aventureiros e negociatas que corveja dentro e em volta dos altos postos de governo.

O salário mínimo agora encontrado pelo ministério do trabalho e que se apresenta como remuneração básica do trabalhador não qualificado, constitui a nova medida para forçar o congelamento de salários, tão desejado pelos empregadores e pelos senhores imperialistas. Ele equivale a uma lei de mobilização para o esforço de guerra. E' por isto que os seus irrisórios índices e o seu critério de fixação estão sendo vigorosamente combatidos e desmascarados por todos os trabalhadores do país.

Mil e cem ou mil e duzentos cruzeiros por mês de serviço que Getúlio apresenta como salário mínimo dos trabalhadores, constituem o índice de fome que a política de guerra do governo quer impor.

Mas a classe operária brasileira está empenhada em vigorosa luta, tendo à sua frente a Confederação dos Trabalhadores do Brasil (CTB), para revidar a essa sinistra mesquinha getulista, porque a base mínima de salários que é reivindicada é a de 1.800 cruzeiros para os não qualificados, além de um aumento geral de salários para todos os trabalhadores, mediante porcentagem substancial que atenda às necessidades da elevação do custo de vida destes últimos tempos.

Em todos os setores profissionais erguem-se os trabalhadores em crescentes movimentos de luta reivindicatória de aumento geral de salários e de fixação de um justo salário mínimo, movimentos esses que em alguns setores já vão atingindo etapas mais altas na luta, como aconteceu agora entre os bancários de São Paulo que empreenderam vigorosa greve de 69 dias.

Essa campanha por melhores salários constitui uma das demonstrações mais frisantes da luta dos trabalhadores contra a política de guerra de Getúlio que esfomeia o povo e ameaça a vida dos nossos jovens.

A F I R M A Ç Ã O

Situada estou no cerne
alimento-me de sementes que germinam
vida
e o meu olhar passeia
pelas estradas do tempo

Digo aos famintos
e aos maltrapilhos
— muitas réses pastam
nos campos do futuro
e muito linho
teceremos destas fibras
mas no cerne permaneço
e sou seiva

Vejo crescer a árvore
e esgalhar ao sol
os seus anseios, e os frutos
penderem dos extremos
Quando madurarem
estarei de novo nas sementes
para outra vez tornar-me
cerne
e em seiva transformar-me
nas futuras colheitas.

Por que hoje eu canto
a minha crença
no futuro
e sou seiva
e cresço no cerne de meu povo
mas amanhã
estarei com êle nas estacas
do edifício novo
e serei uma das janelas
por onde se há de ver
o homem transformado
em irmão de seu irmão
e nisso eu creio
e por isso no cerne
permaneço.

LIGIA MENDES



GALEÃO COUTINHO

ALBERTINO MOREIRA



Obtendo baixa no serviço militar, pouco depois das arengas bilaquianas nas faculdades paulistas, Galeão Coutinho — naquele tempo conhecido e querido por nós, seus primeiros amigos, como Salisbury Coutinho — largou a farda e se vestiu de paisano: um terno côr de lagarto, muito mal cortado; adquiriu um baú de folha de Flandres, com ramagens coloridas, conseguiu um passe na Central e foi-se para o Estado do Rio, embarcando na Estação do Norte.

Acompanhei-o até ali, ajudando a carregar o baú, na esperança de que, na hora do abraço, pudesse tomar-lhe por empréstimo dois mil réis com que inteirar uma de cinco somados aos três que levava comigo. Aconteceu, porém, o contrário. Foi êle quem me tomou as peleguinhas de mil réis, a pretêxto de que se achava a nenhum.

Estávamos em séria dependura entre 1915-1918. A guerra acabava-se. Salis (abreviatura de Salisbury) recebia em Santos, para a "Tribuna", os telegramas da Havas, transmitidos por mim, pelo telefone dessa agência, em São Paulo.

E, afinal, no princípio de 1919, éramos companheiros de redação nesse jornal, êle como redator da "Vida Social", eu na secretaria. Mantínhamos de sociedade num palmo e meio de coluna, certo trecho de prosa magana, sob o pseudônimo de Sílvio, um dia dêle, outro meu, a render 5\$000 cada croniqueta. Isso nos dava

fundamentos!

75\$000 a cada um de nós e engrossava portanto, os nossos quinhentos de ordenado mensal, para um trabalho sem folga, num tempo em que, não se descobrira ainda a semana inglêsa, nem se guardava na imprensa diária domingo ou feriado.

Essa "mamata", porém, acabou logo e, sòmente porque um de nós, inadvertidamente, contou uma anedota de português com papagaio, e o caso desgostou o dono do "Preço Fixo", grande anunciante do jornal.

Três anos passaram-se como um só dia, salvo o pior que nós tivemos, de verdadeiro temporal na redação, ameaça de despedida, ôlho da rua etc. sòmente porque, por um lapso — coisas que acontecem, que diabo! — não havíamos visto nem noticiado, Salis, redator da seção social, eu secretário — o aniversário do Sr. Roberto Simonsen!

Separamo-nos; as porteiras das estradas se abriram para nós e os nossos caminhos se cruzaram e se distanciaram.

Salisbury foi suprimido diante duma observação de Martins Fontes:

— Você nunca será nada nas letras com um nome assim. Olhe o exemplo de Anatole France, que se chamava Thibault...

Conservou, porém, por uns tempos o S, e, com êle pôs ao mundo "Semeador de Pecados" e o "Câmbio a 3".

Foi Monteiro Lobato que lhe tirou o S, perguntando:

— São Galeão Coutinho?

— Não! Sòmente S. Galeão Coutinho.

— Pois então corte o S se êle nada significa.

Daí por diante ficou sendo simplesmente Galeão Coutinho, o que fêz "Vovô Morungaba", o "Simão, o Caolho", a "Vida aperta-

da de Eunápio Cachimbo", as "Histórias de Dona Marcolina" e êsse poder de coisas esparsas na imprensa, nas palestras, nas conferências, nas entrevistas.

—O—

OPERAVA-SE A TRANSFORMAÇÃO

As condições econômico-sociais eram outras também, e o poeta das baladas românticas, dos lânguidos contos amorosos "da que morreu de amor", ou "Dona Violante das tôrres Negras", e dos poemas suaves inspirados por certa criatura apenas imaginada, quase corporificada e súbito evaporada — transformou-se inesperadamente.

Largou para trás o romantismo lírico, encarou de frente a vida, e, como deliberação primeira, pediu por telegrama em casamento a moça provinciana — esta santa que se tornou sua companheira fiel para todo sempre.

Do jornalismo praiano transitou para uma loja de livros e objetos de arte, usou gorro de judeu e fêz negócios na Rua do Comércio, em Santos. Quem fôsse pobre podia ler tôda a livraria sem comprar nenhum, como ainda há dias confessou o poeta santista Manuel Moreyra.

Dali, não me lembro como, foi parar num escritório comercial, de caneta atrás da orelha e grandes costaneiras a escrever. O "office" era na Capital, sôbre a Monte Belo, e o dono, um senhor esquivo, de muitas manhas e pouca chelpa, assim mais ou menos como aquêle "mister" Harrison que engazopou Eunápio Cachimbo e o resto do mundo.

Mudou-se para o Rio. Agenciou companhias, fundou outras, afundou algumas e, para encurtar, numa ocasião em que os editores davam com os burros ná-

gua, meteu-se a publicar livros traduzidos, e, a dizer bem, de circulação proibida no nosso libérrimo País, vendendo-os barato a mais não poder. Tão baratos, tão bons eram os livros que a Polícia paulista, solerte, desconfiou, e apreendeu os saldos e fez fechar a melhor editôra que já tivemos — a que divulgou obras desconhecidas, de idéias avançadas, até então sonegadas ao conhecimento do público brasileiro.

Sem o que fazer, de novo, Galeão Coutinho voltou à imprensa tarimbeira, teve banca afreguesada em vários órgãos da imprensa planaltina e dirigiu os mais importantes.

—O—

Não! Não me pergunte, leitor, se Galeão Coutinho, mudando de sala de redação, mudava de opinião. O jornalista profissional é, mal comparado, como o advogado: tem a opinião da casa — ou da causa — consoante diria Cícero, o maior advogado de todos os tempos.

A sua própria, a íntima, só mesmo para os íntimos, e êstes sabiam, conheciam por dentro a profundidade de suas convicções, a inabalável de sua fé nos direitos do homem, nos grandes destinos da Humanidade.

Tudo mais seria transitório. Aliás, que diferença existe, aí, entre um jornal e outro jornal, entre um diretor e outro diretor, entre um político e outro político? Nenhuma. Questão de indumentária, de tempêro do último jantar comido.

A poesia, por ser ingênua, revela a profundidade do ser humano. Naqueles alexandrinos perfeitos sob título "Dualismo", Galeão, a si mesmo fazia a seguinte interrogação:

"Muitas vêzes, ansioso, em mim mesmo mergulho, do mistério que sou, procurando a razão:

Por que, tendo em minh'

alma o estímulo do orgulho, também sinto que tenho a dobrez do vilão?"

Insatisfeito, ainda incerto, indagava a seguir:

"Se, sentindo no olhar a visão do divino que a beleza revela e a virtude contém, num escárnio roaz, num sarcasmo ferino, tanto zombo do mal, como zombo do bem?"

A essas perguntas, a resposta foi dada assim:

"Eu me curvo, no entanto, a êsse jugo incoerente, como ao rei se rendia o vassalo feudal;

Pois como eu, dentro d'alma, há de ter muita gente, Um fidalgo altaneiro e um grotesco jogral".

—O—

As épocas e as condições econômicas criam o seu tipo humano, e o homem, e a sociedade, e tudo quanto envolve um e outra — a religião, a família, o Estado, o direito, a moral, a ciência, o espírito — não são mais que uma consequência dos modos particulares da produção.

Mas, é evidente que num meio assim, numa época, há sempre alguns que se salvam, que se adiantam, que não se iludem, que mantêm acêsa a sua luz interior, a sua personalidade.

Galeão Coutinho foi um destes. Ao vê-lo, franzino de corpo, débil de saúde, pobre de bens materiais, criado e educado por si mesmo — autodidata, como se dirá — não se podia acreditar que naquela debilidade, naquele tamaninho de homem, se ocultasse uma fôrça invencível, uma coragem sem limites.

Sentindo-se sozinho desde cedo, na existência, a sua primeira preocupação, menino ainda, foi perder o mêdo. Assombrações, mulas sem cabeça, sacis, capetas, lobisomens, tudo isso êle defrontou, numa noite escura, varando

por uma floresta, no sertão de Minas. Cobras, urutaus, tamanduás, nada lhe fez mêdo, quis passar e passou. Curtiu-se, enrijou-se, fêz-se homem e homem foi a vida inteira.

Assim como há quem atravesse as brasas duma fogueira, nas noites de São João, sem queimar a sola dos pés, êle atravessou braseiros e atoladoiros, sem se tisonar, nem se enlamear. Saía puro doutro lado, e, daí, a sua permanente alegria, o cântico de ouro de sua vitória cotidiana.

Com o tempo, com a experiência, Galeão Coutinho aprendeu a arte de domesticar os animais ferozes. Miúdo; sem fôrça nenhuma, quantas vezes, êle exibia nas arenas, presos a um fio de barbante, ursos brabos, leões da Nigéria, transformados em leões de circo, mansos e submissos!

Frágil como um camondongo, tinha a coragem de amarrar o guizo em pescoços de gatarrões, denunciando-os aos demais, neste mundo em que os fracos são muitos e os fortes, por serem poucos, são tremendamente façanhudos.

Para conhecer melhor os poderosos, aproximava-se deles. O jogral de que êle falara no verso, sentava-se à mesa do fidalgo, e, com altaneria, impunha-se.

Servia-o e servia-se. Do que êle tirava aos ricos, prestando-lhes serviço, fartavam-se os necessitados de sua ajuda, a sua família numerosa, uma infinidade de criaturas sem nomes, êsses vultos errados que êle topara na vida e de quem contou a história triste-alegre nos seus romances.

Quem quiser conhecer a gente para a qual Galeão Coutinho viveu e lutou, leia os seus livros. São as mães desamparadas, as crianças largadas ao acaso, os desempregados — tôda uma galeria de vultos magros, de pobres, du-

ma pobreza tamanha, que nem sabem ou têm consciência dela.

Eram essas as suas personagens. Ele as encontrou nas pensões de quinta classe, nos subúrbios da vida e das cidades, nos porões, que são verdadeiras antecipações das sepulturas. E amou-as convivendo com elas, mesmo porque, embora tivesse tôdas as qualidades para vencer, para fazer fortuna, nunca obteve senão minguados recursos, e viveu assim como viveram os figurantes de seus romances. Quem é que não descobre o próprio Galeão Coutinho, aperreado de dívidas, sobrecarregado de obrigações, mal disfarçado sob as roupas de muitas das suas criaturas?

A sua risada, que a todos divertia, era a manifestação de quem, à custa de muito esforço, se salvava todos os dias e tôdas as horas de aperturas tremendas. Não é verdade que a gente tem um riso nervoso, áspero e sem explicação, ao nos salvarmos, ilenos, dalgum perigo? Pois era este o significado da forte gargalhada de Galeão que nos obrigava a acompanhá-lo sem, c o n t u d o, aprofundarmos a sua razão.

Ria e fazia rir. Vimo-lo num dos seus melhores dias de humor, discursando perante esta associação rotariana de proprietários de jornais paulistas, a distribuir carapuças justas nos presentes e a mandar rabos-levas para os ausentes, e todos êles, nutridos e poderosos, riram e gostaram, porque, na realidade, os próprios reis, segundo consta e parece que a Rainha Vitória mandou esculpir no túmulo de Disraeli, gostam de quem lhes diga a verdade.

Ria e fazia rir, mas a sua risada, de dentro das fortalezas do capitalismo, detrás da sua mesa de jornalista na imprensa conservadora, não direi que fôsse como as trombetas de Jericó, porque estas soaram de fora. Foi o

fundamentos

PINTORES DE BAGÉ

UMA ENTREVISTA COM GLAUCO RIBEIRO

E' inegável a funda repercussão que as idéias progressistas estão encontrando em nossos meios artísticos, até há pouco perdidos no emaranhado das «novidades» modernistas, velhas de mais de meio século.

Como era de esperar, são os jovens que abrem o caminho. Em São Paulo, na Bahia, em Minas ou no Distrito Federal, encontramos artistas novos que participam deste movimento cujo centro mais expressivo é, sem dúvida, o Rio Grande do Sul. Trata-se de uma profunda revisão de valores que busca restituir à arte o seu verdadeiro sentido, fugindo ao esoterismo estéril e retomando os processos do realismo, agora vivificados por um poderoso sentimento nacional e popular.

UM PINTOR GAÚCHO

Encontramos no Rio, entre os concorrentes ao Salão Nacional, o jovem pintor Glauco Rodrigues, de Bagé. Glauco apresenta, êste ano, um retrato (têmpera) de desenho severo e feitura

“escárnio roaz, num sarcasmo ferino”, a brecha que se abriu lentamente e que, num dia, não muito longe, tudo arrasaria, definitivamente.

—O—

Se eu quiser fazer uma comparação do que foi a vida de Galeão, não encontro outra melhor do que figurar uma árvore carregada de frutas maduras, numa chácara rodeada de altos muros. Uma criança ágil e risonha escalou o muro, subiu pelos galhos e pôs-se a atirar para a multidão de famintos os frutos colhidos.

Galeão Coutinho não fêz outra coisa senão colhêr e distribuir, entre os pobres, o produto de seu trabalho.



cuidada, revelador de um talento seguro e muita consciência.* Nada desta pretensa originalidade dos que procuram um sucesso fácil. Recordando os seus quadros do Salão de 1950 que tantos louvores mereceram da crítica oficiosa — de ruins e errados que eram — ficamos surpreendidos com um progresso tão rápido e radical. E resolvemos pedir ao artista que nos contasse o milagre da sua «conversão.»

CARLOS SCLiar E JOSE' MORAIS

«Desde o começo, disse-nos Glauco, nós, em Bagé, trabalhamos em equipe. Já no 3.º ano do ginásio, comecei a desenhar junto com um amigo, Glênio Bianchetti. Naquela época não havia nada em Bagé em matéria de arte. A exceção de uns raros livros de poetas modernos. Nós copiávamos folhinhas. Até que um dia descobrimos Segall numa Revista Acadêmica. Mas não sabíamos nada. Passamos a pintar prostitutas, bares, gente fumando, etc. Estávamos em pleno século XIX. Apareceu, então, Carlos Scliar, voltando da guerra e fazendo conferências, explicando o que era realmente arte moderna. Foi uma grande ajuda. Logo depois, surgiu José Moraes que esteve conosco quase um ano e que também nos ensinou muito. Formamos um atelier e comecei a gostar de Picasso. Nesse tempo, já éramos três: estava em Bagé Danúbio Gonçalves, amigo de infância que estudara no Rio e era por isso mais sabido. Compreendíamos a importância do estudo, do metier, que tanta falta faz a inúmeros artistas modernos. Mas nem por isso posso dizer que estivéssemos bem orientados.

ACADEMISMO EM PORTO ALEGRE E EXISTENCIALISMO EM BAGÉ'

«Fui para a Escola de Belas-Artes de Pôrto Alegre em busca de um aprendizado com maior disciplina. Mas encontrei um academismo que me desgostou. De Pôrto Alegre só guardei uma simpatia pelos trabalhos de Duffy que ainda mantenho com restrições. De volta a Bagé, deixei-me envolver pelo que havia de pior: passando por Bernanos, caí no existencialismo sartriano que, por um momento, me pareceu uma perspectiva. Editamos, nessa época, uma revista — tôda feita à mão — no que pensávamos ser o melhor estilo parisiense... E organizamos um novo atelier mais bem montado, onde passei a produzir abstracionismo. Meus companheiros eram mais equilibrados: Glênio era expressionista e Danúbio conservava-se fiel aos figurativos.



DESENHO de Glauco Ribeiro

LONGE DO POVO A ARTE NÃO TEM SENTIDO

«Pensava que a leitura e o sossêgo pudessem me ajudar. E tinha razão. Príncipei a compreender que é preciso buscar um equilíbrio entre o conteúdo e a forma. Voltei a convencer-me da importância do desenho e do *metier*. Voltei aos clássicos. Junto com Glênio e com Danúbio, que retornava de Paris, percebi que arte não tem sentido se se isola do povo. Arte é comunicação, é vida. Retomamos o trabalho em conjunto e começamos tudo outra vez. Foi um aprendizado vagaroso que ainda não terminou. Princípios pelos termos mais simples para ir vencendo pouco a pouco as dificuldades e corrigindo os vícios que nos ficaram das fases anteriores. Os trabalhos que enviei para o Salão deste ano, se inscrevem ainda neste quadro de disciplina severa e de estudo. Valem mais como documentos de uma etapa do nosso esforço para fazer pintura séria e realista. Queremos um domínio dos meios plásticos que nos permita exprimir os característicos da região em que vivemos. Mas sem nenhuma exploração do pitoresco regionalista. Uma

arte brasileira que reflita a vida e as lutas do povo, na forma em que se manifestam no Rio Grande do Sul.

ESPOSIÇÕES PARA LEVAR A ARTE AO POVO

«Mas isso não bastava. Sentíamos que precisávamos organizar-nos para levar a arte ao povo. Educá-lo ao tempo em que submetíamos os resultados do nosso trabalho à crítica da opinião pública. Era preciso ligar o nosso atelier à vida da cidade. Organizamos primeiro um clube de gravura que reuniu logo 50 sócios. O clube distribui uma gravura por mês aos seus associados que pagam uma mensalidade de 50 cruzeiros. Depois fizemos uma escola de arte para crianças que já conta com cerca de 100 alunos. Um grupo de moças católicas nos ajuda a manter a escola. Ao mesmo tempo, conseguimos instalar uma galeria de arte no centro da cidade, atrás de uma loja de fotografias. Glênio e Danúbio se desdobram e nós contamos ainda com a colaboração de Ernesto Wayne, um jovem poeta que se tornou o 4.º componente do nosso grupo. Nesta galeria nós já organizamos 7 exposições desde o começo do ano.

REVOLUÇÃO EM BAGÉ. O INTERESSE POPULAR

«O interesse do povo é enorme: todo o mundo de Bagé vai lá. Desde os trabalhadores e os soldados até a gente da sociedade. As exposições ficam abertas das 9 da manhã até às 10 da noite. Assim, com uma afluência sempre muito grande, mostramos ao povo a arte japonesa, reproduções de Brueghel, uma série de originais de Dautier, Masaccio, a evolução da gravura através dos tempos (em duas fases: antes e depois do expressionismo alemão), tudo com explicações e dados sobre os artistas e suas obras. Mas a exposição que maior sucesso teve, foi a que fizemos dos últimos desenhos nossos. Explica-se: toda gente pensava que nós éramos uns loucos; que fazíamos coisas incompreensíveis e «difíceis.» Foi uma surpresa e uma satisfação enorme quando perceberam que nós procurávamos interpretar, através de um desenho sério e realista, as coisas de Bagé, os aspectos da vida do povo. A cidade comoveu-se: foi uma revolução.

«Finalmente, pouco antes da minha vinda para o Rio, organizamos uma grande mostra sob o título geral de «Guerra e Paz» em que reunimos trabalhos de Goya, Van Ghog, Millet e de mestres da Renascença italiana. Procuramos ilustrar deste modo, como têm participado os grandes artistas de todos os tempos, deste combate que é hoje a nossa maior preocupação e que visa afastar para sempre as desgraças da guerra. Isto é importante, para que o povo sinta o valor da arte, sua participação na defesa dos grandes ideais humanos. Por isso mesmo, reservamos o lugar de honra nesta exposição para o apêlo por um pacto de paz. Sentimos a necessidade de deixar bem clara a nossa posição como artistas e como cidadãos.

INTERCAMBIO COM ARTISTAS DE OUTROS CENTROS

«Temos mantido sempre estreito contacto com os nossos amigos de Porto Alegre, especialmente o grupo da revista «Horizonte» que, com Scliar e Vasco Prado à frente, vem realizando um trabalho magnífico. Mas, mesmo assim, sentimo-nos um pouco isolados. Por isso, tenho aproveitado a minha permanência no Rio para conversar com os amigos daqui e traçar planos de um intercâmbio futuro. Irei depois a São Paulo. Planejamos, entre outras coisas, fazer exposições de conjunto dos jovens de diversos centros, pelo menos nas três capitais. As dificuldades são grandes, mas parece que já está chegando o momento de levar à prática idéias como essa. Não fôsse a importância exagerada que alguns dos nossos artistas ainda conferem aos falsos mecenas e seria tudo ainda mais fácil...»

* — O quadro de Glauco Ribeiro mereceu uma das medalhas de prata de pintura do Salão Nacional.

CINEMA

MESA REDONDA DO CINEMA NACIONAL

A organização dessas Mesas Redondas nasceu de uma necessidade econômica. Atualmente das 12 produtoras que normalmente funcionam no Rio, apenas 2 estão em atividade. Diante deste grave problema de descontinuidade no ritmo das produções, e consequentemente do desemprego para os profissionais de cinema, é que se fez urgir, como uma geral reivindicação, um amplo debate sobre o assunto.

Os cineastas cariocas, que até então viviam como que enclausurados em seus estúdios, vieram a público, unidos, discutir e procurar soluções para os problemas de ordem geral. No transcorrer das Mesas Redondas criou-se um ambiente de camaradagem e confraternização, em que todos expunham as razões de suas dificuldades e insucessos com a mais absoluta sinceridade, sem melindres, com o único objetivo de contribuir positivamente para solucionar a crise e o desassossego geral.

As discussões foram realmente esclarecedoras, pois demonstraram que o primordial obstáculo ao desenvolvimento da nossa indústria cinematográfica é o truste dirigido pelo cinema americano dentro dos setores da distribuição e exibição e já atingindo, hoje, a produção. O monopólio, sufocando a nossa indústria, não permite uma produção contínua, acarretando a todos que aqui trabalham em cinema uma situação extremamente instável. Os debates não só foram esclarecedores como construtivos, pois vieram demonstrar que tanto para o produtor como para o mais simples trabalhador de cinema, o principal para a sua sobrevivência é combater o monopolismo do cinema ianque.

Homens que, ontem, eram descrentes da força das associações e organizações de massa, hoje aprovam por unanimidade a criação de uma grande FRENTE DE LUTA PELA PROTEÇÃO E DEFESA DO CINEMA NACIONAL, conscientes que apenas a sua união terá força suficiente para enfrentar os inimigos nativos e alienígenas do nosso cinema. Produtores, diretores, atores, técnicos, críticos, é toda uma classe que se levanta para lutar pelos seus direitos e reivindicações. Este é o caminho certo e único para a solução dos problemas do nosso cinema pois aqui todas as vozes são ouvidas. É nessa luta que devemos envidar todos os nossos esforços, para que não nos imponham uma solução de cúpula e fascista como o Instituto Nacional de Cinema.

Dentro deste ponto de vista é que devemos encarar com muita seriedade o I Congresso Nacional de Cinema, e fazermos o máximo para o seu êxito. O Congresso nos dará oportunidade de

se levar a todo o Brasil o conhecimento dos nossos mais prementes problemas, e de se arremeter em um único bloco todos aqueles que se interessam e trabalham em cinema na nossa terra. O Congresso será a consolidação definitiva das nossas linhas de defesa.

As Mesas Redondas também foram profícuas quanto aos aspectos culturais. Foi denunciada a influência despersonalizante e corruptora do cosmopolitismo, prejudicial ao nosso cinema e à nossa cultura. Frisou-se a importância e a necessidade de se batalhar por um cinema que reflita a realidade e o caráter do nosso povo por um cinema que represente de fato a nossa cultura, porque só assim teremos amplitude nacional e alcance internacional.

Sem dúvida, as Mesas Redondas marcam um passo à frente, não apenas no âmbito cinematográfico, como também na nossa luta de libertação econômica e política.

As resoluções das Mesas Redondas são as seguintes:

1) Envidar todos os esforços no sentido de unir as associações profissionais e culturais, as empresas produtoras do país, produtores, diretores, atores, técnicos, cronistas cinematográficos, críticos e fãs, numa grande

FRENTE DE LUTA PELA PROTEÇÃO E DEFESA DO CINEMA NACIONAL.

2) Estimular a fundação de cineclubes, seminários e cursos de cinema, organismos úteis ao progresso da indústria de filmes e indispensáveis ao desenvolvimento cultural das platéias.

3) Incentivar as produções cinematográficas que reflitam a realidade e o caráter da vida brasileira, quer nos tipos, quer nas situações e diálogos, porque só assim o cinema brasileiro adquirirá amplitude nacional e alcance internacional.

4) Propor ao futuro PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA BRASILEIRO a criação de uma FEDERAÇÃO NACIONAL DE CINECLUBES, capaz de estimular a atividade dos clubes de cinema, facilitando-lhes sobretudo a aquisição de filmes para estudo e prática do cinema experimental.

5) Constituir uma comissão de escritores e técnicos, com a incumbência de redigir um VOCABULÁRIO PADRÃO para uso de todo o cinema brasileiro.

6) Estimular e urgir a organização do Sindicato de Profissionais de Cinema, atualmente em curso no Ministério do Trabalho.

7) Dar pleno apoio e irrestrita solidariedade ao Sindicato das Empresas Produtoras que reivindicam no momento a assinatura, pelo Sr. Presidente da República, do Decreto Executivo de Proteção e Defesa do Cinema Nacional.

8) Constituir uma COMISSÃO incumbida de dirigir-se ao Presidente do Banco do Brasil, obtendo deste que, pela sua carteira de empréstimos autorize as companhias e produtores cinematográficos um empréstimo de, pelo menos 60% (sessenta por cento), do orçamento de seus filmes, de acordo com o capital e cadastro bancário de informações, e mediante as garantias necessárias.

9) Estudar e acertar os termos de um código de ética profissional que regule as relações de empregados e empregadores da indústria de filmes em benefício da produção nacional.

10) Convocar todas as organizações culturais e profissionais de cinema, as empresas produtoras os produtores, diretores, atores, técnicos, críticos e cronistas cinematográficos de todo o país, para o PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL DE CINEMA BRASILEIRO a realizar-se no Rio de Janeiro no mês de maio de 1952.

11) Suscitar e estimular a convocação de Congressos Preparatórios ao I Congresso Nacional de Cinema Brasileiro.

12) Nomear, para elaborar os planos deste futuro Congresso uma comissão constituída de produtores, diretores, atores, técnicos, cronistas cinematográficos e fãs.

13) Colocar o I Congresso Nacional de Cinema Brasileiro, sob a égide do saudoso João Stamatto, veterano e pioneiro do cinema nacional.

14) Nomear uma comissão, constituída de preferência por repórteres, críticos e cronistas cinematográficos do Rádio e Imprensa, com a incumbência de dar a estas resoluções a maior divulgação possível.

Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1951.

Participaram das Mesas Redondas dando a sua valiosa contribuição, entre outros, os produtores: Luís de Barros Heládio Fagundes, Murilo de Faria, Murilo Lopes, Genil Vasconcellos, Roberto Mancini, Jaime Pinheiro, Roberto Cavalier; os diretores: Paulo Wanderley, Carlos Ortiz, Mário Sombra, Samuel Markenzon; os argumentistas: Alinor Azevedo, Jardim de Lima, Jorge Lléli; os atores: Carlos Cotrim, Dinah Mezzomo, Marly Sorel, Dorothy Fagin, Hélio Souto, Jorge Doria; os críticos: S. Cavalcanti de Paiva, Yolandino Maya, Manuel Jorge, Eliseu Maia, Adolfo Cruz, Clóvis de Castro, Paulo Pereira, Osiris Parcifal.

Podemos adiantar, que as Mesas Redondas já foram positivas no terreno prático, pois indubitavelmente, a pressão do memorial, contendo centenas de assinaturas, enviado ao sr. Presidente da República, foi decisivo na aprovação do Decreto Executivo de Proteção e Defesa do Cinema Nacional.

B. P.

Livros e Revistas

"ANGULOS" — Acaba de sair o numero 3 de "Angulos", órgão cultural do Centro Academico "Rui Barbosa" da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, editada em Salvador. O presente numero, que traz farta colaboração, é aberto por editorial que tem por titulo "A Juventude e a "Refascistização" do Mundo", no qual a direção da revista mostra que o perigo de guerra é cada vez mais grave, cumprindo à juventude a luta tenaz contra sua refascistização por parte dos fautores de um novo conflito.

Traz ainda o mesmo numero de "Angulos" estudos de Luís de Pinho Pedreira, Josafá Marinho, Jaime Duarte Guimarães, Silvio Santos Faouria e ilustrações de Genaro de Carvalho e Ligia Sampaio.

"IDEIA" — Numero 4, outubro de 1951 — Esta publicação, de distribuição gratuita e com uma tiragem de 1.000 exemplares, é o órgão interno do Gabinete de Leitura Rio-Clarense. Publica artigos de colaboradores locais e de outras cidades, entre os quais "Eça de Queirós — policromista", de Ivanira Bohn Prado; "A Estranha Sensibilidade de Ricardo Gonçalves", de Dante Alighieri Vita, alem de farto noticiario sobre os movimentos culturais daquela cidade, Rio Claro.

"VELHICE" E OUTROS CONTOS — Salim Miguel — Recebemos o livro do sr. Salim Miguel, editado por "Edições Sul I Florianopolis", com oito contos: "Carnaval, Casos de Espiridião", "Alvina, Essa Minha Noiva", "Velhice, Um", "Velhice, Três", "Mêdo", "Historia Banal", "Jantar em Familia", através dos quais o autor procura refletir a vida da cidade em que mora, numa linguagem simples e desenhada.

"CAIÇARA" — Órgão literário de Marília — Chegou-nos às mãos o ultimo numero dessa publicação, que, há meses, vem sendo dirigido por Flavio Sampieri, João Mesquita Valença e Hilda Scarabotolo. O presente numero traz farta colaboração de intelectuais daquela cidade e de S. Paulo, destacando-se artigos de Ciro Pimentel, sobre "A Metafisica e a Poesia", João Acioly, Hilda Scarabotolo e outros. "A Poesia de Antonio Machado" é um estudo desta ultima colaboradora. Também assinam poemas em "Caiçara", os poetas Jorge Medauar, "O Pequeno Morto"; Reinaldo Bayrão, João Mesquita Valença. Queríamos destacar nesse numero um poema de Hilda Scarabotolo, intitulado "Poema", que tem como tema a luta pela paz.

"A POLONIA DE HOJE" — Mais um numero desse boletim informativo mensal do Bureau de Informações Polonesas acaba de nos chegar às mãos. Nele se destacam os trabalhos intitulados "Correspondentes Operarios e Camponeses, mostrando a grande atuação desses tra-

DOCUMENTOS

A entrevista de STALIN

O generalíssimo Stálin concedeu ao PRAVDA a seguinte entrevista, onde mais uma vez coloca diante dos povos os pontos de vista do governo soviético sobre um dos problemas fundamentais para a manutenção da paz mundial: o do controle das armas atômicas.

PERGUNTA: — Que pensais da gritaria levantada nestes dias na imprensa americana em relação com as experiências com a bomba atômica na União Soviética?

RESPOSTA: — De fato, há pouco, no país soviético, foi feita a experiência de um dos tipos da bomba atômica. As experiências com bombas atômicas de diversos calibres continuarão também no futuro, de acordo com o plano de defesa de nosso país contra qualquer ataque do bloco, agressivo anglo-americano.

PERGUNTA: — Em relação às experiências com a bomba atômica diversos políticos norte-americanos levantam alarme e gritam dizendo que a segurança dos Estados Unidos está ameaçada. Existe acaso algum fundamento para tal alarme?

RESPOSTA: — Não existe fundamento algum para tal alarme. Os políticos dos Estados Unidos não podem deixar de saber que a União Soviética se coloca não somente contra o emprego da arma atômica como também pela sua proibição e pela cessação de sua fabricação. Como se sabe, a União Soviética já reivindicou por várias vezes a proibição da arma atômica e todas as vezes em que o fez esbarrou com a recusa das potências que constituem o bloco do Atlântico. Isso significa, que, em caso de agressão dos EE.UU. contra o nosso país, os círculos governantes dos Estados Unidos empregarão a bomba atômica. É precisamente esta circunstância que obriga a União Soviética a possuir a arma atômica para receber os agressores devidamente apetrechada. Certamente que os agressores gostariam que a União Soviética estivesse desarmada em caso de agressão contra ela. Mas a União Soviética não está de acordo com isso e pensa que é necessário receber os agressores devidamente apetrechada. Por conseguinte, se os EE.UU. não pensam agredir a União Soviética, o alarme dos políticos dos Estados deve ser considerado supérfluo e falso, pois a União Soviética jamais pensou agredir os EE.UU. ou qualquer outro país.

balhadores no melhoramento da imprensa da Polonia de após-guerra, "Comercio Socialista" e as reportagens ilustradas "Polonia 1951".

"RESOLUÇÕES" E RECOMENDACOES DO V CONSELHO DA UNIAO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES — Recebemos estas resoluções, traçadas no Congresso de Varsovia e que nos são apresentadas num suplemento da revista "Mundo Estudantil", da Union Internacional de Estudantes.

"SEIVA" — Esta interessante publicação, com redação à Rua Chile, 8, 2.º andar, em Salvador da Bahia, apresenta-se mui-

to bem em seu numero de agosto. Suas principais materias são as traduções dos poemas de Eluard, por Silvio Valente, o estudo "Da Prática", de Mao Tsé Tung; "O Grande Satirico Gregorio de Matos", por Luís Henrique; "Dois Heróis da Juventude", de osé Goerender e "Mendel ou Lysenko", de Wladimir Guimarães, alem de uma entrevista inedita de Jorge Amado, "Nossa Luta Terminará com a Vitória da Paz e da Liberdade". Também traz dois contos, um de Alina Paim, "A Terceira Noite de Greve", e outro de Lia Correia Dutra, "Só Apertar o Botão". "Seiva" é evidentemente uma revista que faz jus ao titulo de mensario de cultura nacional, revelando nitido progresso a partir dos ultimos numeros.

Os políticos dos EE.UU. estão descontentes pelo fato de que o segredo da arma atômica seja possuído não só pelos Estados Unidos, como também por outros países e, antes de mais nada, pela União Soviética. Eles gostariam que os Estados Unidos fossem os monopolistas da fabricação da bomba atômica para que os Estados Unidos tivessem a ilimitada possibilidade de amedrontar e fazer chantagem nas relações com os outros países. Mas, em que base e com que direito eles pensam assim? Os interesses da manutenção da paz exigem, por acaso, semelhante monopólio? Não! Será mais certo dizer que acontece precisamente o contrário. Que os interesses da manutenção da paz exigem antes de mais nada a liquidação de semelhantes monopólios e, depois, a proibição incondicional da arma atômica. Eu penso que os partidários da bomba atômica só aceitarão a proibição da arma atômica se virem que já não são mais os monopolistas de tal arma.

PERGUNTA: — Que pensais do controle internacional da arma atômica?

RESPOSTA: — A União Soviética pronuncia-se pela proibição da arma atômica e no sentido de que cesse a fabricação de tal arma. A União Soviética pronuncia-se pelo controle internacional a fim de que a decisão da proibição da arma atômica e da cessação da fabricação de tal arma, bem como da utilização exclusivamente para fins civis das bombas atômicas já fabricadas seja cumprida rigorosa e conscienciosamente.

A União Soviética manifesta-se precisamente por esse controle. Os políticos americanos também falam em "controle", mas o "controle" deles não se baseia na cessação da fabricação da arma atômica, mas sim na continuação dessa fabricação e, além disso em número correspondente à quantidade de matérias-primas de que este ou aquele país dispuser. Por conseguinte, o "controle" americano não se baseia na proibição da arma atômica, mais sim na sua legalização e legitimação. Dêse modo é legitimado o direito dos incendiários de guerra de exterminar, com auxílio da arma atômica, dezenas e centenas de milhares de pessoas da população civil.

Não é difícil compreender que isso não significa controle algum, mas uma fraude de controle, um escárnio aos anseios de paz dos povos. Compreende-se que semelhante "controle" não pode satisfazer os povos amantes da paz que reivindicam a proibição da arma atômica e a cessação de sua fabricação.

Notas e Notícias

O SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES

Este ano, as autoridades resolveram dividir em dois o Salão Nacional de Belas Artes. A medida tem sido louvada por quase todos. Pensamos que o correr do tempo não confirmará este julgamento apressado.

O isolamento da Divisão acadêmica teve, como primeiro resultado, a volta ao comando, pelas mãos do sr. Simões Filho, do conhecido pintor Osvaldo Teixeira, que um movimento da grande maioria dos nossos artistas, havia conseguido afastar nos últimos anos. Um Salão medíocre, em que predominavam o mau gosto e a má pintura, refletiu a orientação dos mentores oficiais da nossa arte. Os poucos pintores que fugiram a esta regra, foram deli-

beradamente afastados para um segundo plano. A distribuição dos prêmios obedeceu a um critério suspeito que levantou protestos em todos os setores. O sr. D'Alancourt, autor de um trabalho realmente indefensável, em que revela uma vulgaridade e uma fraqueza de meios técnicos dignas de nota, conquistou o prêmio maior. Pintores como Sílvio Pinto, Camargo Freire e outros, que apresentaram quadros de valor incontestavelmente mais elevado, foram preteridos. Pondo de parte algumas decisões indiscutivelmente justas, deve-se afirmar que a regra geral foi o protecionismo. Professores distribuindo medalhas aos seus alunos, esquecendo por vezes a própria hierarquia das premiações. E chegou-se ao absurdo de conferir o prêmio de viagem ao país a um gravador de medalhas que, por maior que seja o seu mérito, seguramente não aperfeiçoará a sua arte visitando a Bahia ou o interior de Minas.

Consequência de tudo isso, é a anunciada atitude de alguns dos melhores valores da divisão geral, que se dispõem a abandonar o feudo do sr. Osvaldo Teixeira. Entre outros, Malagoli, Edson Motta, Rescala, Cavalheiro e Jacira de Carvalho, passarão a concorrer ao Salão moderno. Não fosse a permanência de alguns outros artistas de mérito, e seria o caso de pedir-se o fechamento do Salão acadêmico para melhor aproveitamento dos prêmios ali distribuídos.

QUANTO A DIVISÃO MODERNA,

a crítica foi unânime em registrar uma impressão favorável: o melhor Salão dos últimos anos. Sem dúvida, a boa arrumação dos trabalhos expostos (possível graças ao maior espaço de que dispuseram os organizadores) concorreu para isso. E a presença de mestre Portinari e de Guignard, ao lado de Poti, Malagoli e outros nomes bem conhecidos, contribuiu para prestigiar o esforço dos valores novos.

Estes não faltaram: Glauco Rodrigues, Renina Katz, Darel, Anísio Medeiros, Zaluar, Luciano Mauricio, Moacir Fernandes, Maria Laura, Nolasco e Heloisa, entre outros. Aos jovens realmente, deve-se a melhor qualidade do Salão deste ano, a impressão de vitalidade e vigor que deixou em todos os que o visitaram. E o maior acerto do júri foi ter sabido recompensar e estimular a um bom número deles. Pena que tenha deixado de parte nomes como Moacir, Zaluar, Darel e Anísio (particularmente os dois últimos que apresentaram trabalhos excelentes) quando encontrou jeito de distribuir medalhas e menções honrosas a obras absolutamente destituídas de valor, em particular na seção de pintura (Isabel Pons, Bandeira, etc.).

E aqui, cabe uma referência à medalha de ouro conferida a Marcelo Grassman. Este artista, que tem revelado invejável segurança no tratamento da madeira, é um gravador que não faz obra séria. Talvez por isso mesmo, os corifeus da arte pela arte procuram ampará-lo no caminho em que segue e o apresentam como um exemplo para os mais novos. Suas «Harpías», entretanto, não têm unidade de sentido ou mesmo formal. São gravuras em que a composição fácil e frouxa, falha por completo, deixando uma impressão frustrada de vazio. Muito conscientemente, buscando o aplauso dos Mario Pedrosa que pontificam em nossa crítica, Marcelo Grassman esquece que a gravura é uma obra de arte e que, portanto, deve obedecer aos requisitos mínimos de equilíbrio e unidade de composição — para falar apenas do aspecto formal a que os seus protetores dizem conferir tanta importância. Suas «Harpías», realmente, do ponto de vista artístico, só podem ser chamadas gravuras por força de expressão. São, quando muito, simples demonstrações de habilidade técnica, extremamente mal empregada.

F. P.

ssine fundamentos

Cr\$ 50,00